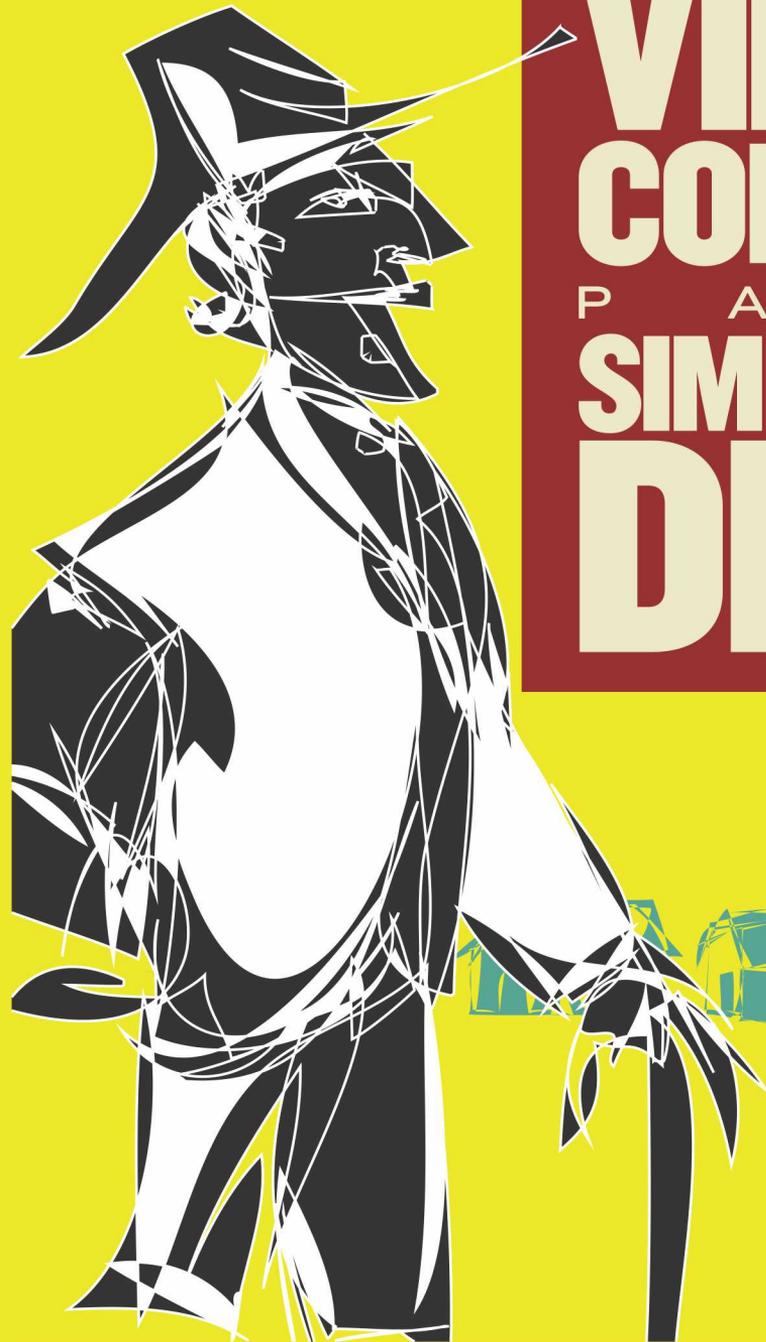


ANTÔNIO DE PÁDUA
MARQUES SILVA

**VINTE
CONTOS
P A R A
SIMPLÍCIO
DIAS**



Vinte Contos
para
Simplício Dias

Copyright © 2020. Antônio de Pádua Marques Silva.

Todos os direitos reservados. De acordo com a Lei nº. 9.610, de 19/02/1998, nenhuma parte deste livro pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação de informação ou transmitida sob qualquer forma, por meio eletrônico ou mecânico, sem prévio consentimento do autor.

CAPA E PROJETO GRÁFICO | Paulo Moura

ARTE FINALIZAÇÃO | *IrmãodeCriação*

ILUSTRAÇÕES | Paulo Moura

REVISÃO | Janice Batista

IMPRESSÃO | Gráfica do Povo

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Larissa Andrade CRB – 3/1179

S586v Silva, Antônio de Pádua Marques.

Vinte contos para Simplício Dias./ Antônio de Pádua Marques Silva; ilustrações de Paulo Moura. – Teresina: Gráfica do Povo, 2020.

112 p.: il.

ISBN 978-65-991656-4-1.

1. Literatura Brasileira – Contos 2. Literatura Piauiense – Contos 3. Folclore – Piauí I. Título

CDD – B869.3

ANTÔNIO DE PÁDUA MARQUES SILVA

Vinte Contos
para
Simplício Dias

Teresina-PI
Antônio de Pádua Marques Silva
2020

Deus está no primeiro assento da fila dos meus agradecimentos. A Ele tudo devo.

Aos amigos Marcello Silva, Helder Fontenele e Elmar Carvalho, que divulgaram este meu modesto trabalho.

Aos companheiros da Academia Parnaibana de Letras e do Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Parnaíba.

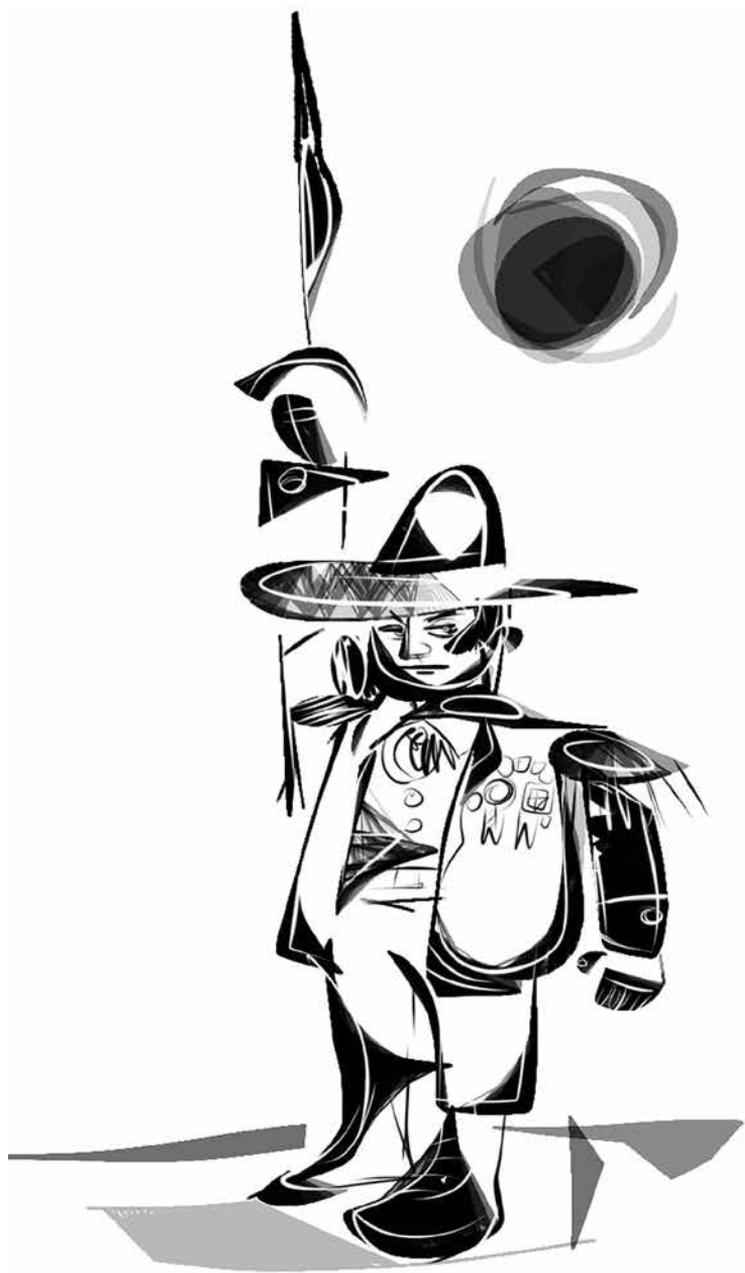
E em especial, noutro assento, agora mais elevado, a Mário Pires de Santana, combatente ardoroso, defensor e dedicado aos estudos da nossa História.

E ao professor Batista Teles, meu amigo, a quem serei eternamente agradecido por dar condições para que este trabalho fosse publicado.

Sumário

A batalha das cocadas na frente da casa-grande	9
A canja da vingança	13
A caveira de burro	19
A confissão do Diabo e a água benta	23
A moeda para Nossa Senhora da Graça	27
A morte beija a mão de nosso senhor Simplício Dias ...	31
A múmia que dormiu na casa de Simplício Dias na Parnaíba	35
A negra que abanou os queixos de Simplição	39
A negrinha e a vaca	43
A revolta dos tamancos	47
Areia suja de sangue na frente da Igreja	51
As mãos de Elias	55
Coronel Queixada, governador da Barra do Longá e herdeiro de Simplício Dias	59

O alemão e as formigas de fogo	65
O aniversário do rei e do porco	69
O bacamarte e a lança	73
O café de Amuz	77
O calango à francesa	81
O casamento de Cunhandita	85
O enterro das pedras	89
O sumiço das galinhas	95
Segredos que se transformam em cinzas	99
Simplicio Dias à espera de Napoleão Bonaparte na Praia da Pedra do Sal	105





A batalha das cocadas na frente da casa-grande

A MISÉRIA ESTAVA BATENDO AGORA NA PORTA da frente de casa da família de Simplício Dias da Silva, desde quando o Imperador Dom Pedro I virou-lhe as costas, por causa de seu envolvimento e obediência cega ao juiz de fora, João Cândido de Deus e Silva, e gente do Pernambuco e do Ceará, que agora queriam uma república para o Brasil. O antes senhor da Parnaíba, que recebia nobres, estudiosos, comerciantes interesseiros e até piratas na sua casa, amargava o desprezo político e a pobreza, a ponto de sua mulher, dona Isabel Tomásia ter arranjado um negro para vender cocadas na porta de casa.

A cozinheira, tão logo passava a hora do almoço, se punha a fazer as cocadas, para que, tão logo amanhecesse o dia, viesse o negro da casa, Pano Véi, lá de dentro com o tabuleiro forrado com um pano de sacos para a esquina da Rua Grande, esperar a freguesia de embarcações, soldados, gente de repartições públicas e quem descia ou subia nas canoas indo para Tutoia no Maranhão. Isso de domingo a domingo. Vez por outra, dona Isabel e o marido, agora doente, ficavam na janela de cima olhando o movimento embaixo.

Por volta das nove horas, já o sol queimando o lombo dos negros que trabalhavam no porto lá embaixo, Pano Véi já estava em serviço fazia tempo. Olha a cocada! Olha a cocada! E, nesse sentido, só desmontava aquele negócio quando já não tinha nenhuma cocada e o que sobrava era algum farelo. Corria para dentro da casa-grande e ia prestar contas com a dona do negócio. Quando muito, recebia um tostão, que logo iria ser gasto lá embaixo no cais com um mercado de cachaça ou de fumo.

No outro lado da rua, a família Miranda Osório era um tormento para o antes todo poderoso e destemido Simplício Dias da Silva. Desde o assassinato de Raimundo, em 1812, e a recusa de Simplício em ser governador do Piauí, as coisas andavam de mal a pior para a família. Dívidas, traições e tudo o mais se acumulavam naquela casa de paredes encardidas. Na Igreja nem ia mais, por causa da inchação nas pernas, e da dureza que sentia no pé da barriga. E agora mais aquela, de até na venda de cocadas da mulher encontrar um concorrente, o negro Mão de Pilão.

Tanto um quanto outro eram negros ainda novos, beirando quando muito, os trinta anos. Mão de Pilão talvez fosse até mais velho. Mas quem era que iria se preocupar com idade de cativo? Talvez para criar sua empresa que lhe garantisse um tostão para a aguardente, arranjou com seu dono um ponto para a venda de frutas na frente de casa de Miranda Osório. E em pouco tempo já vendia muita manga, bananas, limões doces, melancias, abacates, fumo de mascar e rapé, doce de leite e cocadas.

Pano Véi estava começando a ficar com raiva daquele negócio. Trabalhava que nem um burro, botando água para o senhor tomar banho. Limpava a Igreja, à frente da casa, e o quintal; cortava um galho de árvore, fazia limpeza nos cemitérios da

família, enchia os potes da cozinha, e, ainda de manhãzinha, tinha que torrar a cabeça naquele terror de sol, vendendo cocada pra dona Isabel na esquina! Se quebrasse alguma cocada, e tendo que voltar para dentro do tabuleiro ou algum freguês não pagasse, era castigo na certa. Era vida de cão aquela sua! Agora me vinha Mão de Pilão, com tabuleiro de frente com mais coisas para vender e lhe tirando freguesia! Ia fazer um bonito com aquele negro.

Mão de Pilão ficava de lá olhando o movimento e falando alto toda a lista do que vendia. Olha o limão doce! Olha a manga, olha a manga! Olha a cocada de coco fresco! Aqui tem rapé e tem fumo! Três tostões, três tostões e é pra acabar!

Os fregueses iam e vinham. Passavam e acabavam comprando isso ou aquilo. O negro suado e satisfeito ia colocando numa caixa de madeira o apurado e cantando uma canção alegre, aprendida com as mulheres da vida lá embaixo no cais do porto.

Pano Véi esperou dar mais movimento na Rua Grande, justo quando acabava de atracar no cais do Porto Salgado uma canoa vinda da Tutoia, no Maranhão, carregada de lenha. Era carga para a casa de Simplício e outros principais da Parnaíba. Havia vendido pouco sua cocada naquela quinta-feira. Enquanto isso Mão de Pilão, de lá, aproveitava quem estava subindo o barranco e gritava ainda mais alto, intimando, fazendo troça com ele.

O negro enjeitado, da casa de Simplício Dias, foi se aproximando do tabuleiro de Mão de Pilão, com as duas mãos cheias de areia. Esperou um freguês pagar e se retirar com umas frutas. Jogou areia por cima como se fosse chuva. A areia caiu direiti-

nho em cima das cocadas de Mão de Pilão. O nome feio comeu. Filho dessa, filho daquela. Acabaram se atracando. Foram ao chão e as vaias acompanharam. Foi cangapé pra todo lado e pra cima dos tabuleiros. As frutas, o rapé e o fumo em frente da casa de Miranda Osório, enfim, tudo o que tinha no tabuleiro de Mão de Pilão se espalhou. Reboliço dos diabos.

Foi o bastante para aparecer gente de tudo quanto era lado, vinda da frente da matriz, do cais e de tudo mais. Por sorte, não puxaram facas. Veio a milícia e prendeu os dois negros arruaceiros. Sabendo de quem eram, cada um foi levado aos seus donos. Simplício ficou sabendo do ocorrido, logo depois da dormida do almoço. Pano Véi levou uma pisa de umbigo de boi e teve a comissão do dia confiscada. Simplício Dias da Silva, mesmo já sem saúde, não queria ninguém com valentia e autoridade maiores que as dele na Parnaíba. E muito menos partindo de negros!

A canja da vingança

AGORA ERA A VEZ. A mágoa guardada, fazia anos, no peito de Guilhermina, saía para causar sofrimento a Simplício Dias da Silva, doente, tomado pela caduquice, sem defesa, andando pra cima e pra baixo pelas mãos dos outros. Assim era a vida. Haveria ele de pagar ali e agora em cima da terra e ardendo de febre, tossindo e se obrando todo, toda a humilhação e o sofrimento causados a seu filho Moisés, à época, um menino de pouca idade, quase cinco anos, quando o senhor e patrão, entrando um dia na cozinha, encontrou a pobre negra dando de comer na boca do filho e ordenou que nunca mais queria ver aquilo.

Ordenou que colocasse mais sal na canja que estava sendo servida. Pedindo clemência e por tudo quanto era santo, chorando, a cozinheira obedeceu com medo de que pudesse fazer ainda um mal maior ao menino e de que ela fosse açoitada por Elias, o fiel para qualquer situação dentro da casa de Simplício Dias da Silva na Vila da Parnaíba. Moisés vendo aquele homem na frente de sua mãe, falando alto, teve que engolir a canja salgada. Seus olhos marejavam.

Depois, a mãe humilhada e com medo o colocou lá embaixo, sentado num batente que dava para o grande quintal e indo

em seguida, já só na cozinha, levar um caneco de água. Moisés ficou mais aliviado... bebeu rápido, aos goles, e ficou chorando sozinho, enquanto Guilhermina voltava ao serviço e com vistas a não dar ainda mais confusão entre Simplício Dias, Elias e até dona Isabel Tomásia. Sua senhora era muito humilhada pelo marido, porque não ostentava certos gostos e vaidades vindas de fora. Pouco saía de casa, não pegava numa moeda que fosse, tanto ela quanto a filha Carolina.

Guilhermina tinha medo de que Simplício Dias voltasse e mandasse Elias os açoitar. Simplício Dias da Silva vinha de uma situação difícil nos negócios, naquele ano de 1808, com a carne salgada e os estaleiros na Ilha Grande de Santa Isabel e na Barra do Longá. Perdia dinheiro com o mercado na Europa, e, ainda por cima, duas embarcações, encomendadas por gente de São Luís no Maranhão, davam prejuízos a olhos vistos.

A escrava Guilhermina guardou aquilo por muitos e muitos anos. Da mesma forma como foram sendo guardadas as moedas de vinténs e mil réis, mandadas de vez em quando pela única irmã, Justina, mais velha e escrava de cozinha da casa de um desembargador em São Luís no Maranhão. Era dinheiro guardado e bem guardado, e, com ele, um dia, sonhava mais lá na frente comprar uma casinha nos Campos, Macacal ou Buraco dos Guaribas, e com o filho Moisés poder viver e morrer sossegada.

A vingança de Guilhermina agora vinha aos poucos. Num dia colocava mais sal na canja que seria servida ao Coronel Simplício Dias da Silva. Noutro dia era pimenta do reino. Mais outra vez era menos sal. Mais pimenta malagueta. Azeite, para fazer com que se obrasse todo na rede. Era o jeito que tinha de ir aos poucos se vingando pelo que passaram ela e o filho, e assim

curar uma dor antiga. Elias pouco se importava de provar a canja do coronel. Confiava em Guilhermina, e dona Isabel Tomásia andava agora muito ocupada com suas rezas e as roupas de cama e de mesa. As negras de casa iam pela manhã com enormes trouxas, descendo no rumo do cais, lavar essa roupa, para os lados de São José, e só voltavam depois de o Sol estar passando do meio do Céu, quando as embarcações apitavam anunciando chegada ou partida do Porto Salgado.

Dona Isabel agora era de dar atenção às poucas visitas ao coronel e marido no fundo de uma rede, a receber dos comerciantes mais chegados na praça da Rua Grande alguma ajuda, um médico vinha do Maranhão, decretado, ver como estava o antes valente e poderoso governador da Vila da Parnaíba. Guilhermina entregava o prato de canja nas mãos de Elias. Antes fingia assoprar, e Elias, na confiança de que tudo estava bem, ia levando as colheradas na boca desdentada do patrão e senhor.

O velho Simplício Dias da Silva até que fazia beijo, igual a menino pequeno quando toma remédio amargo. Elias assoprava e assim o doente acabava engolindo. Era um sofrimento para os dois, o fiel escravo e seu senhor naquela hora de refeição! Vez por outra, dada a quantidade de pimenta ou de sal, o coronel lacrimejava, tossia, chorava. Dona Isabel Tomásia vinha correndo ver o que estava acontecendo. Depois de muita paciência, Simplício Dias da Silva acabava engolindo a canja. Guilhermina, lá na cozinha, ficava esperando que Elias terminasse o serviço. Depois vinha com um pano molhado para limpar a boca e o queixo do coronel.

Vinha, fazia seu serviço, olhava bem para ele e, do jeito que havia chegado, silenciosa e obediente, voltava à cozinha. Ter-

minada a refeição da noite, Elias levava o coronel até a rede ali perto. Pouco tempo e mais um bocado, Simplício Dias da Silva havia pegado no sono. A vida da Vila da Parnaíba, com seu comércio, seu Porto Salgado, seus negros e vagabundos, as vendedoras de frutas e de mariscos, vindos dos Morros da Mariana na Ilha de Santa Isabel, mais lá embaixo, no Cheira Mijo e ali na Coroa e Cantagalo, estavam esperando a cada dia o desfecho da morte do homem mais rico da Parnaíba.

Mas agora os navios e as embarcações menores rareavam. A antes casa mais vista e perto da Rua Grande, que noutros tempos hospedou gente importante do Rio de Janeiro, da França, Portugal e Inglaterra, que era conhecida pela louça e os pratos de porcelana, que foi motivo de intrigas e cobiça de muitos dentro e fora da Capitania do Piauí, estava mais silenciosa do que nunca. Na sala de jantar, agora sem a presença do dono, era lugar apenas de dona Isabel Tomásia ou da filha Carolina.

Simplício Dias da Silva agora ficava encolhido no fundo de uma rede, no andar do meio, tendo Elias a lhe abanar, por causa do forte calor de setembro. E mais à boca da noite, quando o centro da Vila da Parnaíba ia ficando silencioso, a escuridão para os lados do Porto Salgado era quebrada aqui e ali pelas lanternas das embarcações e do lado da Rua Grande, por alguma janela aberta denunciando um lampião ou vela acesa. Guilhermina estava ainda na cozinha, preparando a canja ou ainda um chá de erva-cidreira ou de capim-limão, que logo seriam trazidos para o coronel doente.

Doutor José Cândido de Deus vinha de vez em quando, e, naquela boca de noite, veio ver o estado de saúde do ilustre coronel. Tentou falar com ele, dar ânimo, puxar por lembranças.

Em vão. Simplício já não queria viver, entregava-se à morte sem resistência, caduco, desdentado, cabelos raros, vestia-se com um chambre ordinário, os olhos encovados.

O médico recomendou que ele fosse levado para São Luís ou até mesmo para a Europa, onde a medicina estava muito adiantada e havia mais recursos. Guilhermina preparou a canja como de costume. Não colocou nem sal, nem pimenta do reino ou óleo. Mas antes de entregar o prato e a colher pra Elias, deu as costas, de forma a não ser vista, e cuspiu dentro.



A caveira de burro

O VELHO DOMINGOS DIAS DA SILVA VIVIA BATENDO CABEÇA, tentando de tudo para aposentar-se pelo INSS. Tinha umas cabecinhas de gado, pé duro, não restava dúvida, mas que lhe davam uns poucos litros de leite todo santo dia, a ele e aos dois filhos, Simplício e Raimundo. Este último sempre foi o mais rebelde, metido a valentão, rabo de burro. Do cais do porto até a Nova Parnaíba tudo era território dele. Como se dizia à época, ali Raimundo casava e batizava.

Raimundo passava o dia inteiro em cima de um burro velho cotó. Era o mesmo que o pai usava para mandar os criados, os cativos trazerem água do Igarapu para encher os potes da cozinha e as tinas de banho. Menino ainda, ia até a cozinha atrás de comer farinha com açúcar. Era sair da cozinha com a boca cheia e ir intimar com as duas filhas da criada, duas negrinhas já no tope, furando os bicos dos peitos.

A vida que queria, quando foi ficando rapazinho, era descer o barranco na direção do porto, lá embaixo, na boquinha da noite, tudo turvo, escuro de meter o dedo no olho, escondido da mãe, Claudina Josefa, que naquela hora estava descarçando um terço e pedindo a Deus que desse juízo pros filhos. Ia atrás de ra-

parigas. Índias, vindas do outro lado do rio e, pelo que se sabia, ainda parentes de longe de um tal Mandu Ladino, que dominou de Tutoia a Araioses.

O velho Domingos vivia coçando a cabeça de tanta preocupação, porque, numa daquelas, vai que o filho se engraja de alguma, e acaba trazendo para dentro de casa? Depois era preparar os couros e contratar advogado para não pagar pensão alimentícia. Raimundo vivia metido em confusão, e de vez em quando chegava em casa apanhado. Lá se danava seu Domingos a correr pra Delegacia atrás de algum jeito de tirar o menino da cadeia e evitar até que fosse para o Complexo do Menor, onde havia muito rapazinho do Broderville, São Vicente de Paula, João XXIII e do Mendonça Clark.

Por essas e outras o velho português acabou perdendo muita cabeça de gado e até teve de vender terras para pagar indenizações. Mas a vida de Domingos e de dona Claudina tinha uma satisfação neste rosário de lágrimas, o filho Simplício. Era na família o filho mais bom da cabeça. Tá certo que lá mais na frente gastou fortuna, o que tinha e o que não tinha com luxo desnecessário. Somente para fazer inveja aos vizinhos. Tinha até uma banda de música, de rock, sabe-se lá o que, formada por uns negros e índios. Coisa sem futuro.

A ideia de Simplício era competir com as bandas inglesas e norte-americanas, garantindo espaço no mercado de show business. Meteu o pau em tudo. As vaquinhas que davam leite e carne de charque, algumas léguas de terras para as bandas do Cocal e da Testa Branca, o PIS, o FGTS. Tudo para se meter em política. Perdeu tudo. Morreu pobre e ainda com fama de

medroso que fugiu para as bandas de Granja, no Ceará, quando o velho Fidié, já se arrastando com a língua de fora, deu de cara ali na Guarita, invadiu a Parnaíba e levou o que pôde e o que deu para levar.

Raimundo, quando o burro velho cotó morreu, tratou de pedir ao velho Domingos Dias da Silva que fizesse o enterro com homenagens, uma sepultura com tampa de mármore e tudo o mais. Insistiu, mas insistiu tanto que o pai, já ficando caduco, mouco e perdendo a autoridade dentro e fora de casa, mandou cavar um buraco ao lado da Igreja e na frente de casa, para enterrar o diabo do burro. Não era na frente da Igreja, era à esquerda, onde hoje está enterrado também o finado Cine Delta.

Foram chamados, o juiz, os vereadores, chefes de repartições públicas, as escolas, a banda de música e a criadagem ignorante. Todo mundo foi convidado para ver o enterro do burro. Houve discursos, badalar de sinos, coroa de flores, colocação de fitas, choros e ranger de dentes. A Parnaíba parou para ver ou acompanhar o enterro desse burro, que saiu lá do Campo das Mercedes e atravessou a cidade inteira. Igual, somente entronização de Papa no Vaticano.

Anos depois começou a decadência e a dor de cabeça sem fim dos Dias da Silva. Chamaram umas ciganas, que ficam ali perto da Banca do Louro, para dizerem o que estava acontecendo e o que ainda iria acontecer. Como é que de uma hora para outra o leite azedou e foi tudo por água abaixo? A fortuna, o brilho, a influência da família estava acabando e por quê?

Foi motivo de muita discussão e pedidos de instalação de audiência pública no Senado da Câmara e tudo mais. E nessas

idas e vindas, discursos e discussões sem utilidade e finalidade, procissões, rezas de terços, quermesses e leilões, as ciganas disseram a uma só voz que o segredo daquela decadência da Parnaíba estava enterrado em frente da casa de Simplício Dias da Silva e era uma caveira de burro! Daí que tudo o que se tentou construir ou instalar naquele quarteirão, até hoje nunca foi pra frente.

A confissão do Diabo e a água benta

NAQUELE SÁBADO PELA MANHÃ, início de setembro, o escravo Elias desceu as escadas e deixou a casa de morada de Simplício Dias da Silva para ir até a Igreja de Nossa Senhora da Graça, ali perto, buscar o Padre Horácio Pereira de Menezes, que havia acabado de chegar de uma missão na Barra do Longá.

A mando de dona Isabel Tomásia o padre foi chamado para ouvir o coronel, em confissão. Já quase sem voz, manifestou desejo de ser perdoado por seus pecados pela Santa Igreja. Não queria morrer e depois arder no fogo do Inferno, pelo que praticou em cima da Terra, enquanto pôde e teve poder e dinheiro.

Dentro de casa e nas ruas próximas, a notícia era de que o Coronel Simplício Dias da Silva ia de mal a pior, e a família já não tinha grande esperança de sua recuperação. No início da madrugada, mal iniciado o cantar dos galos, para os lados dos Tucuns, Elias havia chegado do Buraco dos Guaribas, de onde trouxe a benzedeira Joana dos Anjos para ver de perto como estava o padrinho e benfeitor. Ao chegar, foi entrando de porta adentro, mandou que fizessem um chá de mastruz para ser bebido amargo e de um gole só. Era para aliviar a tosse e botar pra fora o catarro preso no peito.

Dali por diante a cozinha ficou sob suas ordens. Negra velha de mais de sessenta anos, criada nas terras de Simplício Dias, para os lados do Testa Branca, Joana era curandeira e parteira de ganho afamada. Pegou Carolina, a filha do coronel, quando nasceu, hoje ali já beirando trinta anos. Era conhecida e respeitada até no Maranhão e no Ceará. Pelos serviços de parteira e curandeira, ela e a família ganharam um pedaço de terras para os lados do Sossego e Volta da Pimenta.

Mas enquanto o padre não chegava, iam chegando as senhoras, para rezarem as excelências. Depois de tomado o banho da manhã e o chá de mastruz receitado por Joana, Simplício Dias da Silva, num gesto da mão levando na direção da cabeça, deu a entender que queria se confessar. Joana foi tomando a frente de tudo. Organizou a entrada das mulheres, trouxe um jarro de água fresca e abriu as janelas do quarto, as que davam para Rua Grande na direção de onde nascia o sol. O coronel estava deitado numa rede grande e embrulhado até a altura do pescoço.

Pelo sinal da Santa Cruz, livre-nos Deus, Nosso Senhor, dos nossos inimigos.

*Uma excelência que Nossa Senhora deu a Nosso Senhor!
Esta excelência é de grande valor!*

*Pai Nosso que estais no Céu, santificado seja o Vosso nome.
Venha a nós o Vosso reino. Seja feita a Vossa vontade, assim na Terra como no Céu!*

*Duas excelências que Nossa Senhora deu a Nosso Senhor!
Esta excelência é de grande valor.*

Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo!

A reza foi ficando forte dentro do quarto, até que Elias veio avisar que o Padre Horácio estava chegando.

Vieram as senhoras soberbas até a porta do quarto para beijar a mão do padre, um tipo um tanto roliço, barba malfeita e quase careca. Pouco deu atenção àquele rapapé todo. Veio com os paramentos de dar extrema-unção. As mulheres pararam de rezar, e, a um sinal de dona Isabel Tomásia, foram deixando o quarto. Padre Horácio Pereira de Menezes agora iria ouvir os pecados do Coronel Simplício Dias ou pelo menos aqueles que ele teria ainda condições e coragem de contar. A voz do doente era muito baixa e para ouvi-lo o padre tinha que se curvar além do necessário. Parava e continuava. Contava passagens antigas.

As ambições, o luxo que fez com que gastasse além das necessidades, as intrigas com vizinhos, os crimes que acobertou, as vinganças por inveja de não ter nobreza no nome, os castigos a que submeteu seus escravos e agregados, o dinheiro que perdeu na política, as enrascadas em que se meteu, indo pela cabeça de gente de dentro de sua casa, como o juiz João Cândido de Deus e Silva e a traição ao imperador Dom Pedro I. Tudo isso ele ia contando com muita dificuldade. Chorava, dizia que tinha medo de morrer e descer ao Inferno, feito tantos negros cativos que humilhou pela força.

Na cozinha, Joana dos Anjos mandava e desmandava. As mulheres das rezas haviam ido embora e, aos poucos, toda a Vila da Parnaíba haveria de estar sabendo que o Coronel Simplício Dias já estava com a vela na mão. Elias ficou por perto, entre a porta e o imenso corredor que dava para um terraço com janelas de treliça. Estava sempre pronto para qualquer situação.

Simplício poderia ter um ataque de tosse, se obrar todo, se mi-
jar, qualquer coisa que causasse mais sofrimento. Dona Isabel
Tomásia andava pelo andar de baixo arrumando umas peças de
roupas.

O Sol já ia alto no Céu da Vila da Parnaíba, o movimento
vindo do Porto Salgado tomava o de sempre, quando o Padre
Horácio Pereira de Menezes, depois de rezar de olhos fechados
e segurar a mão ressequida de Simplício Dias da Silva, tirou
de uma bolsa de couro raspado e gasto o aspersório de prata e
pronunciando alguma coisa em latim lhe deu a absolvição. A
água benta, quando bateu no rosto caveiroso do coronel, formou
algumas bolhas, que depois foram correr pelas rugas dos cantos
da boca até chegarem ao pescoço.

Elias estava de olhos fechados, acompanhando tudo e não pôde
conter o choro. Era talvez a primeira vez em tantos anos que solu-
çava em voz alta e na frente de seu senhor, embora ele já não tivesse
mais condições de ver aquela compaixão. Depois de todo aquele
momento, o padre ainda permaneceu silencioso, por um tempo,
sentado ao lado de Simplício Dias. Este, agora de olhos fechados,
dava sinais de que não mais queria ser incomodado.

Embora às portas da morte e tendo sido perdoado um rasgo
de tempo atrás por Horácio Pereira de Menezes, Simplício Dias
da Silva ainda passava, mesmo de olhos fechados, uma soberba.
Elias veio de forma bem devagar e ajudou o padre a se levantar
da cadeira. Estava encerrada a confissão dos pecados do coronel
e dono da Vila da Parnaíba a um representante de Santa Igreja
Católica Apostólica Romana. Agora era fechar os olhos, esperar
a morte e o perdão de Deus.

A moeda para Nossa Senhora da Graça

SIMPLÍCIO DIAS ESTAVA PEDINDO PRESSA naquelas obras da Alfândega da Parnaíba, já autorizadas, há dois anos, pelo rei Dom João VI. Ele descia de casa, no rumo do cais do Porto Salgado, acompanhado do escravo Elias. Andava entusiasmado com o movimento no porto, e naquela manhã saía para ver de perto o serviço na nova repartição. Não era lá de deixar o sobrado e a companhia de dona Isabel Tomásia, sua mulher, dos filhos e dos criados.

Não era de gostar nem poder mais andar pelo meio da rua na Parnaíba. Já temia pela vida e evitava o de sempre, alguém pedindo isso ou aquilo, um adjutório para um filho estudar em São Luís ou no Recife, um batizado ou casamento, uma vaga no serviço de sua casa ou das repartições do governo, essas coisas. Mas naquela manhã, achou de sair depois do café e seguiu pela rua até o cais. Lá estavam os barcos e canoas, vindos de Tutoia no Maranhão, e de Ilha Grande de Santa Isabel, desembarcando tudo em quanto era tipo de mercadoria.

E naquele sobe e desce de gente, de negros e embarcações nus da cintura para cima, dando no meio da canela, aos gritos, o cheiro forte de aguardente, suor, farinha e de sacos úmidos de maresia, Simplício ia se aproximando do cais e o movimento ia

crescendo. Ao verem aquele homem tão importante e tido como poderoso, aquela gente ia abrindo caminho e os de mais posses e projeção tirando os chapéus naquela reverência costumeira.

Elias era um negro baixo, de pouca graça, os caroços dos olhos amarelados, como quem teve dordolho, com pouco mais de quarenta anos. Foi presente de um compadre de São Luís, no Maranhão. Tinha só um braço e caxingava da perna direita. Contava que aquele aleijão foi coisa de uma briga com um paraense por causa de serviço no cais. Andava a pouco menos de dois passos de Simplício sempre que o patrão saía à rua. Por dentro da calça de algodão ordinário, uma enorme faca. Mas que ninguém lhe imaginasse sem um braço não ter destreza.

Simplício ia sendo cumprimentado aqui e ali; mais à frente, cumprimentava um capitão de navio, um dono de carga de algodão, oficiais da Marinha, e gente de feição mais bem vestida, vinda de São Luís e até da França entre os embarcadiços. Mas no meio daquele mundo de gente não andavam mulheres. A rua e o cais eram de homens e para os homens.

Simplício e Elias estavam quase chegando à esquina do porto, para a direita, em direção à Alfândega, quando de longe um negro se abaixou para pegar alguma coisa no chão. Olhou de um lado e de outro e foi logo colocando a moeda no bolso. Mal deu tempo de a moeda esquentar na mão calosa. O coronel da Vila da Parnaíba viu e apressou o passo. Antes que o negro se perdesse no meio dos outros estava perguntando quem era e quem era seu dono.

Sem resposta de imediato e tomado pelo susto, o negro ficou arquejando de medo. Achou ou roubou aquele dinheiro? Achado

não era roubado, calculou responder. Mas se limitou a dizer que quando era achado por um cativo e esse cativo não tinha dono, o achado era de Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo. E Deus estava na Igreja e a Igreja estava lá no alto e era do senhor Simplício Dias da Silva, por merecimento, governador da Parnaíba!

Disse daquele jeito submisso de quem pedia amparo. Logo, aquela moeda era do coronel. Tremendo feito uma vara de pé de sabiá verde, o negro baixou a cabeça e foi logo entregando o achado a Simplício Dias, que, no tempo de um piscar de olhos, colocou a moeda no bolso da calça.

Elias ao ver o rosto de seu dono coberto de suor foi logo pegando um lenço de algodão meio encardido e o enxugou. Era sua função além da segurança pessoal ser serviçal de cuidados extremados. Simplício ainda olhou para um e outro, como que mandando que concordassem com sua medida, e foi saindo devagar em direção às obras da Alfândega naquele final de novembro.

O negro estivador, que até bem pouco tempo estava achando que tinha sorte demais na vida com a moeda, foi saindo e se perdendo no meio dos outros. Simplício agora estava dando ordens no meio dos operários na obra da Alfândega. Um pouco longe do cheiro de sacos de algodão, de fumo e carne seca, naquele cais cheio de mercadorias empilhadas para embarque. Meteu a mão no bolso e se sentiu satisfeito. Olhou para Elias e deu um resmungo curto.

Para que negro com dinheiro? Para gastar com mulher da vida e com aguardente, fumo para mascar e depois sair caçando confusão, até ser preso e levar surra amarrado em tronco?

Deixasse aquela moeda em quem sabia e conhecia valor de dinheiro! Negro não sabia valor de dinheiro! Negro não sabia nem rezar um Pai Nosso e queria ficar com dinheiro? Dinheiro era da Santa, Nossa Senhora da Graça. Lá no cofre estava seguro.

A morte beija a mão de nosso senhor Simplício Dias

CORRIA UM VENTO, LEVANTANDO FOLHAS SECAS de cajueiro vindas do rumo do Macacal, do Buraco dos Guaribas e do Testa Branca, naquele dia 17 de setembro. Simplício Dias ia morrer daqui a pouco sem muita gente por perto e sem a pompa reservada aos principais do Piauí. Pouca gente havia na Rua Grande, lá embaixo, no cais do Porto Salgado, mas se via na esquina e na entrada de sua casa de morada um movimento de entra e sai de gente da Igreja e alguns poucos conhecidos. Era assim desde a véspera.

Na véspera, pela manhã, Elias veio lhe dizer que umas mulheres da vida queriam ver o benfeitor e lhe pedir a benção já no leito de morte. Dona Isabel Tomásia achou aquele pedido fora de sentido. Uma falta de respeito! Mas por insistência do criado acabou aceitando. Vieram umas seis, muito pias, silenciosas, cabeças cobertas por véus. Simplício até que podia ser perverso, mas nunca perseguiu as mulheres da vida lá embaixo no Porto Salgado e nos Tucuns. A casa há dias já estava vazia e silenciosa, aquele silêncio de casa onde acaba de sair um enterro.

Elias estava se sentindo só. De manhã cedo, olhando com cuidado seu senhor naquela cadeira, próximo da rede e de um

penico, Simplício estava com as canelas finas terminando nos pés dentro de um chinelo de couro gasto saindo por baixo do chambre de tecido ruim, os olhos encovados, a cabeça de antes cabelos carapinhos e cor de cobre, agora estava ficando careca. O escravo de confiança lembrava ali perto dele os dias em que precisou ter coragem.

Quantas e quantas vezes a morte veio de tudo quanto era lado e de jeito, faca, pistola, espada. Simplício venceu todas elas, mas agora não tinha como escapular. Ia morrer. Não levava nada desta vida. Nem o ouro, as pratarias, a louça de porcelana inglesa, as joias valiosas da mulher, da filha e da Igreja, feitas pelo pai Domingos, e que os portugueses de Fidié roubaram um dia quando invadiram a Parnaíba e que depois foram devolvidas. Voltou pouca coisa, não tudo. Os móveis, o cofre com os poucos tostões da antiga fortuna.

Morreu Simpilição! Simpilição morreu! Foi o que se ouviu no largo da Igreja e na rua da casa de morada do dono da Parnaíba naquele meio de tarde. Um negro passou a gritar no rumo dos Tucuns e logo a notícia foi se espalhando pelos imensos caminhos de areia beirando o rio. Tão logo ficaram sabendo, muitos escravos, afilhados e agregados da casa da Rua Grande vieram correndo em pranto de choro rezar na Igreja do Rosário. Muita gente espantada com aquela notícia tomou as portas das casas humildes. Muita gente triste e muita gente alegre.

Morreu Simpilição! No Porto Salgado, entre a gente das embarcações atracadas e nas calçadas de armazéns, de repente ficou mais parecendo a Sexta-feira da Paixão. Aquela gente, sem nada a fazer, encostava-se nas portas das vendas e ficava bebendo aguardente, fumando, achando graça com a mão na boca e

até fazendo pilhérias com o nome do morto. À noite, por fim, quando se soube de forma oficial da morte em toda a vila, de ponta a ponta, ninguém mais fez nada nos barcos.

Morreu o Simpilição! Se acabou o Simpilição da Parnaíba! E assim, já no outro dia, antes de o Sol andar quase no meio do Céu, indo morrer atrás das carnaubeiras de Ilha Grande de Santa Isabel, aquela gente toda veio para o largo da casa de morada do governador da Parnaíba. Não puderam entrar, mas ficaram ali, plantados, de longe, olhando o movimento antes da saída do corpo para dentro da Igreja. Uns falando das qualidades e da valentia dele como soldado, outros lembrando passagens boas ou ruins, a fortuna, o luxo exagerado em meio a tanta gente necessitada, os castigos que dava aos escravos de sua casa, as perseguições políticas.

Os mais de dentro, contando políticos e comerciantes da praça e próximos de sua casa, lembravam a caridade com uns poucos, a lealdade e depois a rebeldia com o Imperador Dom Pedro I e o tino de comerciante, mesmo tendo perdido dinheiro com a insistência de vender carne seca para a Europa quando lá se consumiam, há tempo, linguiça e salsichas da Alemanha; o sumiço da fortuna com um luxo fora de propósito e as mortes do pai Domingos e do irmão Raimundo, e o vazio que deixava por não ter sucessores homens na família.

No meio daqueles que se apinhavam na frente dos armazéns, indo no sentido do Porto e da Alfândega e lá mais longe, havia aqueles que o renegavam e até desejavam que sua alma estivesse àquela hora no Inferno. Morreu Simpilição! Morreu, morreu Simpilição da Parnaíba! A família pediu que as ceri-

mônias de encomendação do corpo se dessem mesmo em casa, contrariando o Senado da Câmara, que queria que fosse dentro da Igreja com toda a pompa a que ele tinha direito.

Por sua vez, dona Isabel Tomásia e os outros de casa, no íntimo, temiam que houvesse manifestações exaltadas. A milícia isolou toda a parte de baixo e do lado de cima. E por fim, por volta do meio da manhã, saiu quase sem que se percebesse o cortejo em direção à Igreja. Pouco mais de dez pessoas, contando os carregadores, seis negros vestidos com roupas brancas, calçados e asseados. Atrás do caixão vinham a viúva, a filha, os outros parentes e as autoridades.

O povo, no largo da Igreja do Rosário e da casa de morada, Rua Grande e arredores, pouco teve tempo de ver aquela procissão. Entraram na Igreja e as portas foram fechadas. A milícia pouco teve trabalho em deixar afastados os curiosos. No porto, a movimentação estava suspensa por ordem do Capitão Felismino Botelho, do Brigadeiro da Cidade de São Luís, o comandante mais antigo das embarcações atracadas. E assim, dentro de pouco tempo, a vida e os feitos do senhor da Parnaíba estavam debaixo da terra.

A múmia que dormiu na casa de Simplício Dias na Parnaíba

JÁ ERA BOCA DA NOITE, quando o escravo Elias entrou pela porta dos fundos da casa de Simplício Dias, naquele sábado de julho de 1824, para avisar, sem mais tardança, que o capitão de um navio francês insistia em falar com o governador da Parnaíba, sobre a chegada de uma encomenda que por certo haveria de interessar, uma múmia egípcia.

Simplício, naquele momento, ao saber da chegada de Elias, com notícia de que havia coisa grave ocorrendo no cais, tratou logo de chamar o negro a um canto. O navio francês, *Le Prince de Bourbon*, comandado por Emile Bornett, vindo do Egito e com escala no Marrocos, havia aportado em Tutoia, a caminho de São Luís, e pedia permissão para entregar uma encomenda ao Coronel Simplício Dias da Silva.

E a encomenda, pelo valor e sendo coisa de chamar a atenção, não poderia ser desembarcada em plena luz do dia. Simplício mandou o negro de volta com a ordem de que o desembarque da múmia seria pela madrugada, antes da mudança de maré e com pouca gente por perto. Deu ordens a Elias de que reunisse logo uns quatro homens de sua confiança para aquela faina.

Havia comprado, por meio de um negociante grego, no Cairo, aquela que seria a joia da sua loja, a múmia de uma criança, com o que pretendia abrir uma casa com mercadorias do Oriente na Parnaíba.

Pela madrugada, os negros chegaram sem fazer barulho, e tendo Elias como guia e encarregado do serviço foram depois no rumo do Porto Salgado para desembarcar a múmia e guardar no prédio da esquina. Deu tudo certo. A madrugada com pouco movimento no cais e o silêncio do outro lado da Ilha de Santa Isabel fizeram com que, dentro de pouco menos de meia hora, aquela que seria a peça mais valiosa da loja de antiguidades estivesse guardada no armazém.

Simplício, tamanha a curiosidade pelo objeto comprado do Egito, mal dormiu naquela noite e na madrugada. Dia nascido, bem a criadagem de pé e mandou Elias abrir o armazém na parte de baixo do prédio da esquina. Queria ver, com aqueles olhos que um dia a terra haveria de comer, uma peça da história da humanidade e que só ele e seu dinheiro podiam comprar.

Seria admirado e temido por toda a região, em São Luís, Recife, Rio de Janeiro. Finalmente se vingava da ingratidão de Dom Pedro I, por não ter aceitado seu presente, para as filhas, as princesas Januária, Paula e Francisca, um cacho de bananas feito de ouro maciço e com pedras de rubi nas pontas! Se vingava por estar sendo agora perseguido e sendo acusado de tramar a queda do Império. Os dias, cinco de uma semana, foram passando e a loja da esquina sempre fechada começou a chamar a atenção.

Certa noite, já entrando em agosto, Elias foi na ponta do pé ver como estava a carga, uma peça belíssima de madeira e or-

nada com cenas de batalha. Foi ver, mas sem o direito de chegar perto e de tocar. Tinha o tamanho de menos de uma braça. Viu a peça e do jeito que entrou, calado e se pelando de medo, foi saindo. Apenas Simplício e ele sabiam do que se tratava. Quando saiu na porta do armazém na esquina da Rua Grande, por volta de umas duas horas, achou de tanger um cachorro que dormia enrodilhado. O bicho nem se mexeu. Pegou um pau e fustigou de novo. Nem a pau. Nesse momento, lá embaixo no cais, uma sineta tocou duas vezes. Com aquele sinal, Elias se arrepiou dos pés à cabeça.

Saiu olhando para os lados, em direção dos fundos, e foi se aquietar. Mas dali a pouco haveria de já estar de pé antes que Simplício acordasse. Era lei e ele tinha que cumprir. Contudo, quando na volta passou pelo cachorro viu que estava morto. Traçou de tirar aquela coisa dali antes de amanhecer. Lá pelo meio do dia foi chamado pelo Capitão do Porto Sebastião de Seixas. Dois negros que haviam levado nas costas a encomenda, para o Governador Simplício Dias da Silva naquela madrugada, estavam mortos.

Morreram escumando pela boca e se coçando sem que nada desse jeito. Não havia sido nada de briga entre eles ou coisa de comer. E assim começaram a aparecer e acontecer outras coisas dignas de se meter na cabeça de que aquela múmia trazia coisa ruim para dentro de casa. Simplício começou a ficar encasquetado com tanta coisa acontecendo dentro de sua casa.

Aquele cachorro, agora dois negros da estiva mortos sem causa, uma sua sobrinha caiu da escada e quebrou as costelas, o armazém ficou de uma hora para outra infestado de ratos e de

morcegos. Sem dar ciência à família, aos amigos nem ao Chefe de Polícia, noutra madrugada, Simplício Dias da Silva mandou que pegassem aquele troço e jogassem ou queimassem bem longe. Mas com medo de se repetir com ele o ocorrido com os negros estivadores, Elias acabou foi jogando no barranco do Porto Salgado, no lado contrário a Alfândega.

A negra que abanou os queixos de Simplicião

NEGRA GONÇALA PROCUROU RELHO para os couros e palmatória para as solas das mãos. Naquele domingo da entrada de junho, achou de trazer para o largo da matriz uma penca de filhos e netos, pronta que estava para batizar um deles. Achou que, sendo antiga criada da casa de Domingos Dias da Silva, alforriada e tendo passado parte de sua vida com a barriga encostada no fogão daquela casa, tinha direito a ser tratada, ela e os seus como gente do palácio.

Eram mais de quinze negros entre homens, mulheres e crianças, todos vestidos com suas melhores roupas de domingo e que desceram do Testa Branca para assistirem à missa e batizarem o menino. Negros que davam uma guerra. A missa daquele domingo foi a de costume. O velho Domingos, a mulher e os filhos e alguns poucos convidados. Nada de cativos e agregados dentro da Igreja. Se quisessem, que assistissem do lado de fora!

Entretanto, a negra Gonçala estava na moita, esperando uma brecha para convencer o padre a batizar o neto. Seria motivo de orgulho mostrar a afeição que os donos lhe deviam pelos serviços prestados na cozinha. Conhecia a família Dias da Silva

como a palma da mão grossa de retirar panela de ferro de cima das trempes. Conhecia o velho Domingos, a mulher e os dois filhos, Simplício e Raimundo. Trocou cueiros, deu banho e passou talco neles. Achava que tinha direito a ser igual a eles.

O padre estava já guardando os paramentos, cálices e se preparando para deixar o altar, quando negra Gonçala chegou perto e disse que havia saído do Testa Branca, de madrugada, com a família para, se merecesse e fosse do agrado dele, batizar o neto, que, dentro de mais alguns anos, iria servir de escravo aos seus donos. Domingos Dias da Silva ainda cochilava quando ouviu aquela proposta mais fora de hora. Acordou feito um cão saindo da fornalha.

Não se enxergava não? Onde já se viu negro dentro da Igreja?! Que diabo é que quer negro dentro de Igreja? E mais ainda batizar filho ou neto! Quem desobedeceu sua ordem para permitir uma ousadia daquelas? Os convidados, vendo aquele destemperado do dono da Freguesia da Parnaíba, foram tratando de escapular pelas portas dos lados, ali para os lados da Câmara Municipal. Negra Gonçala estava com as petecas dos olhos quase saltando em cima do velho português e de seus filhos.

Disse que nunca passou por sua cabeça desrespeitar ordens, mas achava merecimento seu batizar o neto naquela Igreja. Domingos estava furioso. Disse para quem quisesse ouvir que naquela Igreja negro não haveria nem de passar na porta, que não se enxergavam e que, olhando bem, não eram e nunca foram gente. A coisa foi esquentando e negra Gonçala aguentando toda aquela descompostura. Começou a rogar praga e a espumar pelos cantos da boca.

Simplício, o filho querido de Domingos Dias da Silva, achou de botar mais lenha na fogueira. Disse que aquele lugar não era para espetáculos daquela natureza, e que Gonçala e os seus se retirassem, senão o bolo de palmatória e o relho iriam cantar. Nem haveria de respeitar o domingo e quanto mais o padre. A velha escrava saiu xingando os donos enquanto os filhos, noras e netos se distanciavam. Simplício, não se conformando com o que disse, veio para o largo da matriz e desacatou um dos negros. Chamou de filho dessa e daquela. Um deles correu a mão na faca que trazia na cintura e mandou que corresse dentro. Foi um rebuliço dos diabos na frente da Igreja. Teve gente correndo e espalhada até pelo Armazém Paraíba e o Bar do Farias.

Raimundo, metido a valente, correu na cerca do cemitério do burro e arrancou uma estaca. Alguém disse que iria chamar o juiz, porque a coisa estava ficando sem controle e poderia ocorrer até morte. Negra Gonçala estava agora sentada e se abanando embaixo de um pé de manga ao lado da matriz. O SAMU já estava de prontidão e tudo. A família, que se preparou toda para o batizado, descendo do Testa Branca naquela manhã de domingo, agora estava mais distante e mais acalmada porque chegou a Guarda Patrimonial.

De repente, Simplício saiu de dentro de casa e veio negociar. Negociar porque Gonçala prometeu que só arredava o pé da frente da Igreja se o padre batizasse o menino. O futuro dono da casa grande vendo que não tinha saída pedia penico. Foi chegando e chegando até que ficou frente a frente com negra Gonçala. Chegou e mandou que se levantasse. Que conversa era aquela de querer batizar negro dentro da Igreja? Quem foi que inventou aquela história?

Gonçala deixou Simplício Dias da Silva falar suas verdades. Ele disse que negros não eram gente, que se colocassem nos seus lugares. Voltassem par o Testa Banca porque era capaz de mandar queimar as suas casas, e aí nem o mel nem a cabaça nem o batizado. Gonçala perdeu a paciência que havia guardado. Chegou bem perto de Simplício Dias da Silva, abanou os queixos dele e disse que ele não era nem besta. Ela sabia de tudo e mais um pouco de tudo da família.

Quem prestava e quem não prestava. Era sair e espalhar no Bar Carnaúba, no largo dos pipoqueiros, fila da Caixa, Banco do Brasil, Secretaria de Fazenda e na frente da Banca do Louro. Queria ver ele e a família dele proibirem batizar seu neto na Matriz de Nossa Senhora da Graça! Mas se não era possível, tudo bem. Iria levantar dinheiro para construir a Igreja do Rosário. Foi o que fez.

A negrinha e a vaca

PASSAVA POUCO MAIS DA BOCA DA NOITE quando Elias veio contar para Simplício Dias que ouviu pela boca de gente na rua e perto do Porto Salgado que Sebastião Matias, um negro encarregado de curral no Buraco dos Guaribas, havia dado fim numa vaca próximo do Testa Branca, de propriedade de dona Isabel Tomásia. Foi o bastante para que o coronel mandasse ver Salviano e Antão para irem lá naquele fim de mundo caçar o ladrão, fosse de que forma fosse.

Elias iria junto, assim ninguém ia se assustar, causar espanto de ver gente estranha chegando e tentar fugir! Salviano e Antão eram dois negros da mesma idade, uns vinte pra vinte e cinco anos, trazidos do Maranhão, bons de faca e cacete; viviam escondidos no fundo da casa grande e sempre chamados a fazer coisa que não prestava. Coisa envolvendo vingança, brigas de famílias, corretivos pra assustar, cobrança de dívidas ou até tocarem fogo nas casas e comércios de gente que se metia a querer enfrentar o coronel.

Sebastião Matias havia dado fim na vaca, animal de umas dez arrobas, de pouca carne embaixo dos couros e que nem dava mais uma gota de leite. Mas era de propriedade de dona Isabel

Tomásia. O negro roubou a vaca e foi vender longe, muito longe, depois de dois dias de marcha por dentro do mato, em Granja, no Ceará. Agora, como ainda não tinha voltado, e certamente com medo de um castigo, estava escondido no mato. A ordem de Simplício Dias era que Elias, Salviano e Antão fossem buscar Matias pelo beicho, e na ausência deste trazer uma compensação.

Saíram os três de madrugada, com o sol ainda escondido, e tocaram no rumo do Testa Branca, para, antes que o sol saísse, estarem no Buraco dos Guaribas. Armados com cacetes, uma espingarda e facas, chegaram ainda mal dando para se ver um vulto a menos de duas braças naquele turvo. Apuraram o ouvido e nada. Mas se Sebastião estivesse em casa, por certo daqui a mais um pouco, iria começar o trabalho no curral. E aí era a hora de pegar o negro ladrão. Mas o tempo foi passando e nada do vaqueiro mostrar sinal de presença em casa.

Lá para mais tarde, os três chegaram ao terreiro, e Elias gritou pelo nome do dono da casa, que ficava na frente algumas braças do curral. Chamou e chamou mais de uma vez e ninguém deu sinal de vida. Passado um tempo, a porta se abriu e, de lá de dentro, saiu um negro velho e uma mulher, Olegário e Salvina. O pai e a mulher de Sebastião. Vendo Elias não desconfiaram de nada. Na mata próxima, de carnaubeiras, agora que os passarinhos começavam a cantar, estavam os outros escondidos. O que meu compadre anda fazendo numa hora dessas da madrugada? Se aproxime e venha pra dentro de casa!

Mas foi mandarem que se aproximasse o escravo de confiança de Simplício Dias, para que os dois outros negros invadissem a choupana já de mão nos cacetes e desembainhando as

facas. Elias deixou incontinenti de ser o conhecido e até amigo e quis saber do paradeiro de Sebastião Matias e do sumiço da vaca de dona Isabel. A mulher e o negro velho, atordoados ficaram gaguejando de medo. Cadê Sebastião? Quem sabe alguma coisa sobre o sumiço da vaca? Ninguém queria dizer que o vaqueiro estava na Granja.

Então, já que ninguém queria abrir o bico, iriam levar um dos filhos, pois era bicho que não iria fazer falta naquela casa. Salviano e Antão correram no rumo das redes e foram jogando tudo que era negrinho no chão. Foi muito susto e choro, a mãe desesperada e o velho Olegário tremendo e dizendo nome feio com Elias e Simplício Dias.

Viram, entre os filhos de Sebastião Matias, uma menina de seus sete pra oito anos, que deveria ser a mais velha. Os outros eram três negrinhos e uma negrinha de colo, que estava se desmanchando em choro nos braços da mãe. Como ninguém deu o que falar do escravo e vaqueiro ladrão de vaca, iriam levar a menina. Quando o pai aparecesse e desse falta que fosse buscar na casa de Simplício Dias, com quem haveria de se acertar.

Foi muito choro, pragas e desespero da mulher de Sebastião, do negro velho Olegário e dos quatro filhos de Sebastião, naquele início de dia no Buraco dos Guaribas, abaixo um pouco do Testa Branca. Elias perguntou o nome da menina. Minelvina. Quantos anos tinha. Oito, indo para nove. A mãe, sem força e nem como resistir com aqueles três homens armados e prontos pra matar todo mundo, foi dentro de casa buscar pelo menos uma muda de roupa pra menina. As duas choravam muito e o desespero todo tomando conta.

Levaram a menina, uma negrinha magra, pés cinzentos, olhos ainda cheios de lágrimas, de quase nove anos pra distante Vila da Parnaíba. Passado um pouco de horas, estavam entrando pela porta dos fundos da casa da Rua Grande. Dona Isabel Tomásia foi chamada por Simplício Dias pra dizer que havia uma cria de escravo, dentro de casa, em paga por uma vaca roubada. Que desse comida e roupa, até um calçado, uma ocupação que fosse, para não cair na graça de ser preguiçosa como muitas que conhecia em casa de vizinhos.

Mas nada de se criar negro mofino dentro de casa, dando despesa aviltante e se achando com direitos! De sua filha Carolina, que nem passasse perto! Mas se aparecesse alguém de bom coração, até que podia dar a negrinha. Olhando bem, ainda era pouco o preço que o negro ladrão Sebastião Matias estava agora pagando pelo que fez. Roubar e levar pra Granja uma vaca, logo de dona Isabel?!

O vaqueiro não mais apareceu. Decerto com medo do castigo, deixou o Buraco dos Guaribas. Passados uns dias, depois de uma conversa de fim de missa com dona Luizinha de Souza Basto, comadre vinda de São Luís, a mulher do governador da Parnaíba lhe deu a negrinha. Haveria se bem adestrada para pelo menos lhe levar na cama uma xícara de chá. Que levasse para pelo menos se salvar daquele mundo da pobreza em que a Parnaíba estava se enterrando. Porque a história da vaca já estava morta e enterrada.

A revolta dos tamancos

NINGUÉM NA VILA DE SÃO JOÃO DA PARNAÍBA esperava por aquilo, naquele dia 10 de setembro de 1829. Caboclos, negros desocupados, negras vendedoras de frutas e verduras, embarcações, viajantes, donos de pequenos pontos de comércio, enfim toda sorte de gente ficou por toda a manhã em frente à casa do quase morto Coronel Simplício Dias da Silva, entre o largo da Igreja da Graça e a Rua Grande, batendo um tamanco no outro, gritando nome feio e dando vaias.

Gente vinda de Ilha Grande de Santa Isabel, Araiões, Tu-toia, Tucuns, Testa Branca e dos Campos, da Parnaíba toda, cobrando justiça pela prisão e açoite na véspera, de duas negras, vendedoras de muricis e goiabas, que estavam falando alto e arrastando os tamancos, justo na calçada e embaixo da janela do quarto, onde estava acamado e com os dias contados o dono da Parnaíba. Aquele reco pra cá e reco pra lá nas pedras não deixava Simplício Dias pregar o olho.

A notícia de que as duas negras estavam no calabouço da casa, e levando de meia em meia hora dúzias e mais dúzias de bolos de palmatória, fez vir gente de tudo quanto foi lugar. Diante da confusão e do clamor da multidão, os milicianos foram

chamados, e cada um em seu cavalo tentou dispersar e acabar com o princípio de tumulto, que, se não tivesse a mão da lei, acabaria em banho de sangue. Foram chegando e desferindo golpes de baionetas e de chicotes, pegasse em quem pegasse. Os principais da vila foram chamados ao senado da Câmara, mas pouco ou quase nada puderam fazer.

Fizeram-se presentes até as senhoras ricas e mulheres de juízes, vereadores, religiosas como Esmeralda Freitas Basto, a inglesa Dorothy Cunnis, mulher do capitão de navio Sinclair Cunnis e Terulina Correa Prado, tia do advogado e afilhado de Simplício Dias, Bernardo Vieira. No largo da casa de morada, sol a pino, era negro dando no meio da canela. Tudo por causa das duas negras temperadas que tiveram os tabuleiros revirados e os tamancos arrancados dos pés, quebrados e jogados no meio da rua. Falta de respeito aqui, incomodar o coronel já no leito de morte!

No meio da manhã, a multidão estava dando na beira do rio Igaracu. Quem tentava descer das embarcações era retirado nos braços e obrigado a subir o barranco já descalço e de tamancos nas mãos. E tudo aquilo foi coisa de dois dos piores indivíduos que a Vila da Parnaíba tinha até então, Coré e Papudo. Dois vagabundos de entre o cais e o largo da Igreja! O primeiro, dito e batizado com o nome de Coriolano, diziam ser irmão de Simplício Dias por parte de pai. Beberrão, nem negro nem branco, gabola, mas sempre que alguém ia lhe dar cobro puxava na frente o nome de Domingos Dias da Silva.

Papudo, o outro, vagabundo, arruaceiro, perdido em jogo de azar, família ignorada, andava de cara pra cima e de casa em casa à procura de quem desse um prato de comida ou roupa usada, uma gandola de soldado que fosse, o que acabava trocando

por alguns tostões ou aguardente nas proximidades da Igreja dos pretos. Ninguém o tinha em boa conta, porque, quando não tinha o que comer, se danava a pegar no alheio na rua entre a casa de Simplício Dias, que ficava em frente a um Cemitério e a Igreja da Graça. Em troca de alguns tostões de quem desembarcava de Tutoia, se dava a beber de uma vez só, jarros e mais jarros de água do rio Igarauçu. Nome de batismo e de onde veio era coisa que nunca ninguém soube.

Vieram dizer ao chefe da milícia que, do jeito que estava a situação se agravando, podia ser necessário disparar alguns tiros de bacamarte, mas ele não achou conveniente. Porque de espada e de chicote não dera vencimento!

Chegasse aos ouvidos de Dom Pedro I, no Rio de Janeiro, notícia de um massacre na Vila da Parnaíba, tudo o que fez pela Independência, há sete anos, iria por água abaixo. Mais de duzentas pessoas espalhadas até aonde a vista dava, batendo um pé de tamanco no outro. Os negros carregadores de água acharam de atear fogo em barris velhos e, por isso, acabaram provocando uma briga.

Na casa de Simplício Dias, as duas negras tempereiras estavam nos fundos trancafiadas, e houve quem dissesse ter visto que as palmas das mãos delas estavam azuis de tanto levar bolo de palmatória! Mas era tudo conversa! Conversa para aumentar ainda mais a revolta de toda aquela gente. Por volta do meio do dia, quando as canoas vindas do Maranhão voltavam para casa, sem ter como acabar com aquela revolta, veio de dentro da casa do coronel a ordem de soltar as negras. Mas que nunca mais, enquanto vida Simplício Dias tivesse, queria ser incomodado na hora de descanso com raspada de tamanco em sua calçada!



Areia suja de sangue na frente da Igreja

VEIO DOS LADOS DA COZINHA UM BARULHO de louça caindo. Dona Isabel já estava recolhida à camarinha e Simplício ainda sentado com os pés fora dos chinelos quando foi alertado de que alguém estranho estava dentro de casa. Correu a mão na vela e chamou Florindo que dormia nos fundos da casa. Antes, pegou o punhal em cima da mesa e apurou o ouvido.

Simplício era gago, quando tomado por uma situação de perigo. Ao ver Florindo entrando pelo corredor mal iluminado, ficou ainda mais gago. Os dois homens foram caminhando na ponta dos pés no rumo da cozinha enquanto dona Isabel e as filhas ficaram na porta dos aposentos esperando saber do que se tratava. Não era coisa de rato mexendo nos trens da cozinha e na carne salgada. Era coisa de gente. E essa gente, se é que se podia dizer ser gente, era um escravo.

Pegaram o negro. Alto, de canela fina, nu da cintura pra cima, catinga de aguardente e cara bexiguenta. Uns trinta anos, se pouco. Os olhos vermelhos que nem postas de sangue. As palmas das mãos amarelas. Florindo mandou que cantasse o nome e de onde estava fugindo. O negro calado estava, calado

ficou. Simplício estava mais atrás, segurando a vela na altura dos olhos. Outros criados chegaram e amarraram o negro.

Arrastaram pelos fundos da casa e lá no terreiro, Simplício desferiu uns dois golpes na cabeça com o cabo do relho. Não queria mancha de sangue dentro de sua casa. O mel desceu. Ferido, o negro disse que estava fugindo do Maranhão, onde era procurado porque matou um tio. Veio à procura de comida, um pouco de sal e farinha. Era conseguir a comida e ganhar o rumo do porto pra comer com os embarcações que subiriam pra Tu-toia e depois São Luís.

Foi retirada a faca que o negro trazia no cós da calça e entregue a Simplício. Pego com a mão no que era alheio, dentro da casa, agora iria arrenegar da hora que nasceu e de onde havia vindo. Mandou amarrar o negro num tronco ainda naquele início de madrugada. Voltou pra camarinha e tratou de acalmar a mulher e as filhas. No outro dia era mandar saber nas redondezas sobre um cativo assim e assim, como quem não quer nada. Ainda estava escuro, quando Florindo e mais dois negros da casa grande começaram a surrar o fugitivo ladrão.

A ordem de Simplício era de que fosse antes do sair do Sol. Pra não dar motivo que ninguém se acordasse. Surrou, fosse levado pra bem longe. Nada de compaixão com o diabo daquele negro! E sendo ladrão, pior ainda! Se não aguentasse e morresse, que jogassem o corpo bem longe pra os urubus comerem. Carne desgraçada! Nem valiam a fortuna que custavam no cais de Recife e de Salvador. Custavam mais que o gado pra tirar carne e leite.

Simplício, que não falava com negros cativos, não dormiu o resto da madrugada. Não que tivesse remorso pelo que Flo-

rindo estava fazendo com o escravo ladrão. Lembrou o irmão Raimundo, assassinado há vários anos pelos inimigos de sua família, na biqueira da casa. Aquela morte tão cruel e que até agora vinha acabando com sua saúde. E agora aquilo, ver sua casa invadida e todo o risco de perder o sossego com dona Isabel, a fortuna e as filhas naquela terra ingrata. Um negro dentro de casa. Um negro entrando pelos fundos da casa e já de posse de uns pratos! Pois que se morresse, que fosse enterrado com o produto do roubo! Servisse de lição! Lá pelas tantas, ouviu de longe umas vozes no meio do largo. Eram, decerto, Florindo e os outros que haviam terminado o serviço.

O negro morreu de tanto levar punhaladas. Foi por isso que não se ouviram gritos naquela madrugada. Depois de darem muita aguardente foram matando aos poucos. Seu corpo foi enterrado no meio do campo, um pouco afastado da Igreja com os objetos roubados da cozinha de dona Maria Isabel Tomásia de Seixas e Silva. Pratos, talheres, um pouco de sal e de farinha dentro de um pano. Uma miséria. Até hoje, no lugar onde está enterrado, existe um formigueiro.



As mãos de Elias

SIMPLÍCIO DIAS DA SILVA ESTAVA, como se dizia entre o cais do Porto e os confins dos Tucuns, com o pé na cova da Igreja da Graça. A cada dia ficava pior, já não se levantava mais sozinho da cadeira preguiçosa que o negro Elias, mesmo manco e com apenas um braço, todas as manhãs colocava no andar do meio da casa de morada, entre a Rua Grande e a Igreja, dando vistas para o movimento do Porto Salgado e o estaleiro há tempo desativado.

A língua de Simplício Dias da Silva pesava dentro da boca desdentada, e os olhos cinzentos e frios, há tempo, perdera o brilho de quando antes mandava executar qualquer serviço entre suas propriedades, dava ordens à milícia ou ia pessoalmente ver a arrumação de tudo o que estava sendo feito, até na cozinha. Agora, mal reconhecia a mulher dona Isabel Tomásia, que não descansava um rasgo de tempo cuidando dele. Todos os dias as senhoras dos principais da Parnaíba vinham ver como o doente estava.

Vinham, rezavam em voz baixa, e iam saindo na direção da antes faustosa sala cheia de móveis pesados e escuros. Dona Isabel Tomásia ficava de cabeça baixa e a voz mais ainda, mandava servir um café, um refresco de caju ou de outra fruta, vinda dos

Morros. Ela sabia que o marido não haveria de demorar mais muito tempo em cima da terra. Depois as visitas iam embora. Elias estava sempre por perto, mas mantinha a reserva da distância quando começavam as rezas. De onde estava acompanhando, ia se benzendo e sempre de olhos fitos no coronel.

Na rua e lá embaixo, o movimento no Porto Salgado e de tudo o que dependia dele era o mesmo de todos os dias. Negros bem cedo carregando barris com água para encher quartinhas, potes e tanques para o banho de seus senhores, lavadeiras descendo o barranco até os Tucuns em busca de um lugar bom para a lavagem de roupas, carroças de aluguel já ocupadas, com gente importante, ou de dinheiro na burra, que não queria caminhar pelas ruas esburacadas ou cheias de pedras irregulares.

Lá adiante alguém era de se cruzar e se afastar tapando o nariz com quatro negros nus da cintura pra cima, transportando um barril cheio de fezes e urina tirado da casa de gente importante, algum doutor, juiz, capitão, comerciante de posses. Um dos negros trazia no pescoço um sinete para advertir sobre como se afastar daquela carga incômoda e repulsiva. Iriam despejar lá embaixo, depois das lavadeiras, após a curva e já dentro dos Tucuns, que por isso passou a ser chamado de Cheira Mijo.

As conversas na Vila da Parnaíba, naquele meio de setembro de 1829, entre quem descia ou subia nas embarcações vindas do Maranhão, entre as lavadeiras, os embarcadiços, donos de oficinas, comerciantes e seus fregueses, era de que o comandante e Governador Simplício Dias da Silva, que era tido e havido como um dos mais ricos da Província do Piauí, não haveria de durar até o final do mês. Pouco se sabia sobre a doença dele

e aquilo era ainda mais motivo para que gente de toda classe lhe desejasse a morte lenta e sofrida, e pagar em cima da terra todo o mal que havia feito. Mas havia também aqueles que se compadeciam.

Elias estava sempre onde deveria estar, por obrigação e ofício. Era agora o de um tudo na casa de morada. Não reclamava, não rogava praga nem mesmo quando sozinho ou entre o pessoal da cozinha, gente da sua condição. Era ele, Elias, quem tirava o velho Simplício Dias da Silva da rede tão logo este abria os olhos e mostrava pra ele ou dona Isabel jeito de querer ficar na sala, perto da janela de treliça e pegando a fresca vinda do rumo do Testa Branca. Depois levava mesmo sem um braço e manco da perna, pra rede; dava água de beber, dava banho, trocava as roupas de baixo e de cima, perguntava que dia era aquele ou quem era esta ou aquela criada. Tentava em vão lhe refrescar a memória.

Elias dava comida na boca, limpava as migalhas de arroz ou uma gota do caldo de carne de boi, de peixe ou de uma franguinha de primeira pena, mandada dos Morros decretadinho pra Simplício Dias tomar uma sopa. Limpava o penico ao lado, antes que chegassem visitas. Elias estava ali feito uma bengala. Fazia tudo. Tentava a todo custo dar ânimo a um homem que estava querendo morrer. De vez em quando, o criado saía e ia até o fundo da casa ou do quintal. De longe era visto esfregando os olhos. Chorava e chorava muito. Olhava a única mão encardida e calosa, pronta a servir e fazer qualquer coisa.



Coronel Queixada, governador da Barra do Longá e herdeiro de Simplício Dias

SIMPLÍCIO DIAS DA SILVA, HÁ TEMPO, ESTAVA NO LEITO esperando a morte. Mas suas roupas e alguns pertences já haviam ganhado a rua pela porta dos fundos e dados para gente ordinária, mendigos, vagabundos, loucos de toda sorte e escravos sem senhor na Vila de São João da Parnaíba. Queixada, um desses, acabou ficando com o uniforme e as dragonas douradas, o mesmo uniforme que o coronel, em festas de gala anos antes, ostentava durante as missas com a família, nas paradas da milícia ou quando recebia políticos, visitantes e cientistas estrangeiros.

Queixada agora andava pra cima e pra baixo com o uniforme do Coronel Simplício Dias, que, de certa forma, conseguiu enganando Elias, depois de este ter mentido para dona Isabel Tomásia. Queixada era um negro fosco, o cabelo pixaim de tão sujo era cor de cobre, de baixa estatura e muito feio. Tinha os caroços dos olhos amarelos e era chegado a uma aguardente e um cigarro barato. Se gabava pra todo mundo, desde a Coroa até os Tucuns, que era filho de uma escrava de dentro da casa do governador da Vila da Parnaíba, quando o coronel ainda tinha alguma moeda na burra e os soldados de Fidié ainda não haviam

saqueado as joias e as pratarias da Igreja de Nossa Senhora da Graça.

O apelido de Queixada ele ganhou de gente na rua, por ter os queixos largos e a cara quadrada. Dona Isabel Tomásia, imaginando que o pedido de Elias era uma lembrança, deu o uniforme, mas não as medalhas e outras condecorações. E muito menos o punhal e a pistola. Vai que por qualquer descuido de Elias estas armas acabassem nas mãos de algum malfazejo, trocadas por miudezas e dando motivo para confusão e até algum crime?! Do jeito que Simplício Dias estava não dava mais para defender ninguém.

O certo é que o uniforme, com as dragonas douradas, acabou nas mãos de Queixada. Como dona Isabel Tomásia não deu as medalhas, ele achou de colocar no presente valioso toda sorte de objetos. Botões dourados, ganhos de uniformes de comandantes de navios, medalhas de santos, cacos de vidros e até chaves de algum armazém abandonado lá pros lados do antigo estaleiro. Tudo o que achava servia para encher o peito. E assim ia cumprindo a sina de doido. E que, por ter fama de doido, recebeu o apelido de Miolo Mole. Contanto que não se caísse na besteira de falar esse apelido.

Corria atrás com pedra e paus ou o que achasse pela frente. Era o terror de meninos, mulheres da vida, outros vagabundos que passavam o dia inteiro caturando um serviço no Porto Salgado. E foi assim que recebeu de um comandante de navio a patente de coronel, coronel Queixada, governador da Barra do Longá. Gostou tanto do posto que agora andava sempre com um cacete curto entre o cinto velho e a calça, como se fosse uma espada. Ora, deu que virou! De manhã cedo, mal o movimento dos

armazéns, lojas, repartições do governo e embarcações no porto davam início, lá estava o coronel Queixada fazendo inspeções. Era atracar um navio vindo o Maranhão e lá ia ele mandando abrir bagagem e mercadoria, se fazendo de autoridade. Os mais medrosos até que obedeciam. Obedeciam para não criar confusão. Outros achavam graça, zombavam.

E pelo serviço ia ganhando um vintém aqui e outro ali. Queixada perdeu o juízo quando, ainda novo, um pedaço de madeira caiu em sua cabeça no estaleiro onde trabalhava no outro lado da Ilha Grande de Santa Isabel. Foi o bastante para que, tão logo se recuperou dos ferimentos, fosse apelidado de Miolo Mole. Era de entrar na Igreja do Rosário dos Pretos e de altar em altar, de olhos fechados e batendo os beiços ir fazendo o *pelo sinal da cruz* uma porção de vezes. Depois, *sem ver nem pra que*, saía correndo desembestado pelo meio do largo e ganhava a rua entre a Igreja da Graça e a Rua Grande.

E os vendedores de frutas, negras vendedoras de coco, cocada, temperos pra panela, manga e caju vindos da Ilha de Santa Isabel, gente fazendo compras pras cozinhas de seus senhores, ficavam gritando, coronel queixada! coronel queixada! viva o coronel queixada! Miolo Mole, fela da puta, filho de uma égua! Miolo Mole! Depois, quando passava a doidice instantânea, ele ia se proteger dos insultos e das pedradas na sombra dos armazéns. Dona Isabel Tomásia, dado o cuidado com o marido quase morto, pouco se interessava pelo que vinha da rua. Se sabia de algum alvoroço, brigas entre embarcações e mulheres da vida, entre os Tucuns e a Coroa, era de ficar calada.

Em casa, o Coronel Simplício Dias ia de mal a pior. Vi-nham os vizinhos, gente importante e até antigos desafetos ver

de perto como estava o sofrimento lento daquele que, dentro de mais alguns dias, iria fechar para sempre as capelas dos olhos. Vinham, ouviam da dona da casa como ele estava e saíam de cabeça baixa. Mas na rua, e no agora pouco movimento da outrora rica Vila da Parnaíba e nos lugares mais distantes, o que se sabia era que Simplício Dias da Silva já era morto e enterrado dentro da Igreja. Havia até quem dissesse que havia morrido e jogado no mar ou estava enterrado entre os cajueiros no distante Testa Branca.

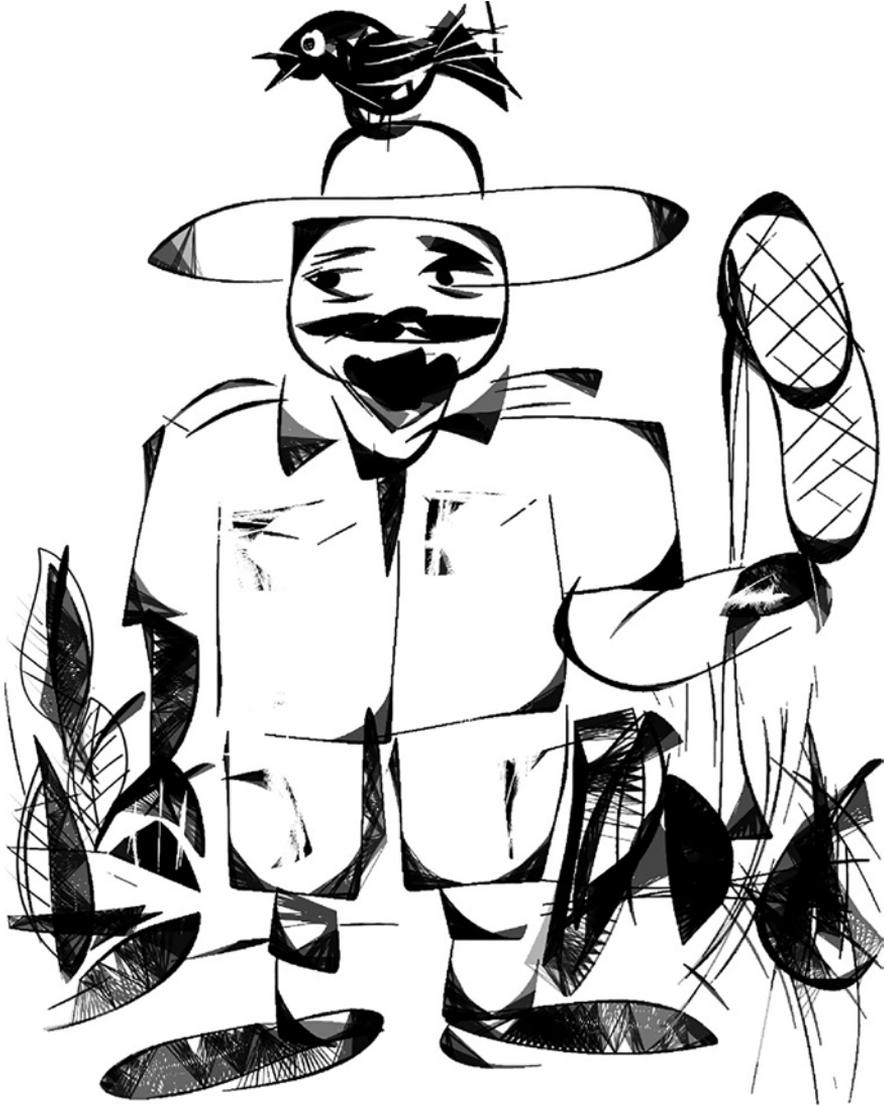
No Porto Salgado, as conversas entre os comandantes de navios, vindos de Tutoia no Maranhão, eram sobre quem iria ser a maior autoridade da Vila da Parnaíba, depois da morte de Simplício Dias da Silva. E, nesse *fulano disse isso* ou *disse aquilo*, as mercadorias iam se acumulando no porto, as lojas tendo prejuízos, as encomendas rareando. O coronel Queixada ia de porta em porta, ouvindo, espalhando conversa e aumentando por sua conta. Um dia encontrou um negro da sua igualha, e lá pelas tantas se danaram a brigar por causa do uniforme. Brigavam agora por causa da patente. Quintiliano, o outro negro sem ocupação, disse que Queixada era coronel porque sua mãe era curica da cozinha de Simplício Dias.

Se atracaram numa rua dos Tucuns e Quintiliano rasgou e arrancou a manga do uniforme do coronel Queixada. Botou força e as medalhas todas caíram e se espalharam na areia imunda do Cheira Mijo. Queixada deu de garra na espada de cacete e meteu na cabeça de Quintiliano. Foi sangue pra danar. As mulheres e os meninos gritando e os marujos dando vaias e até apostando, para ver quem haveria de ganhar aquela queda de corpo. Chamada a milícia, os dois foram presos. O chefe de mi-

lícia, Lucas Patriotino Ferreira, homem de dentro da casa de Simplício Dias, mandou dar logo de entrada uma dúzia de bolo de palmatória em cada um, tomou e ateou fogo no uniforme causador da briga.

Qual o motivo desta briga, negro? Negro não, coronel Queixada, governador da Barra do Longá! E quem te deu patente, negro? Onde já se viu negro coronel e ainda mais da Barra do Longá?! Foi o comandante de navio do Maranhão quem me deu patente! E desde quando comandante de navio vindo de Tutoia do Maranhão dá patente na Vila da Parnaíba? Negro, vê se te cala senão dou cobro de ti!

A dúzia de bolos foi mesmo que dar mingau de milho em boca de menino! Dentro da cela os dois negros ainda com as mãos em fogo se pegaram de novo. Sopapos, gritos, mordidas e tudo o mais. Ainda não houvera de acabar aquela arrumação? O jeito foi levar pro tronco e dar uma dúzia de chibatadas em cada um, nus do jeito que vieram ao mundo, enquanto todos ficaram dando gaitadas.



O alemão e as formigas de fogo

SIMPLÍCIO DIAS FOI ATÉ A MESA e depois de se sentar e pedir que o visitante fizesse o mesmo passou a ler as duas cartas. A primeira, do Príncipe Dom Pedro, solicitava todo o apoio possível e impossível ao cientista Karl Friederich von Martius, ali à sua frente. A segunda carta, do Governador Baltazar de Sousa Botelho de Vasconcelos, endossando o pedido de sua Alteza no Rio de Janeiro. Aquela carta real foi motivo de grande contentamento. Em suas mãos, uma carta escrita pelo filho de Dom João e que seria guardada com todo o cuidado, igual a um troféu!

Karl Frederich von Martius era um alemão de pouco mais de vinte e menos de trinta anos, de boa estatura, cabelos castanhos acobreados, de rosto duro e áspero, castigado pelo sol. Veio ao Brasil, fazia um ano, na comitiva da Princesa Leopoldina e sua intenção era fazer grandes estudos sobre a fauna, flora e a mineralogia da colônia mais próspera de Portugal. Simplício Dias chamou um criado e ordenou que a visita fosse acomodada num dos quartos do térreo da casa da Rua Grande, mas antes providenciasse um banho.

Pelo aspecto de von Martius era patente que estivesse há dias ou meses sem se molhar. No almoço farto, coisa rara e reservada

às poucas visitas, o cientista adiantou a Simplício e dona Isabel que ficaria na Vila da Parnaíba coisa de uma semana, quando muito. Tempo suficiente para conhecer a terra, a gente, os animais e as plantas e onde colheria amostras de insetos para suas pesquisas, antes de tomar o rumo de Tutoia do Maranhão e indo até o Pará naquele ano de 1818.

No dia seguinte, e na companhia de um negro de seus trinta anos, de nome Belarmino, Karl Frederich von Martius tomou uma canoa pequena e foi ter do outro lado, na Ilha Grande de Santa Isabel. Logo na entrada se encantou com tudo o que viu. A imensa quantidade de carnaubeiras, os pântanos e a mata rala, os passarinhos, os camaleões, calangos e algumas borboletas e catirinas. O negro, armado com uma espingarda, ia de longe vendo tudo. Vez por outra e só quando perguntado, respondia sobre esse ou aquele animal, planta ou inseto.

Karl Frederich von Martius ia entrando de mata a dentro da Ilha Grande de Santa Isabel e se admirava com o que via e ouvia. Belarmino ficava olhando aquela arrumação e, às vezes, até queria achar graça, mas nem era besta. Em casa, Simplício Dias ainda estava encasquetado com a carta de Dom Pedro. Lia e relia não acreditando que aquela carta era para ele. Finalmente foi até o cofre e guardou as duas cartas entre outros papéis, moedas e joias da família.

No porto, lá embaixo, o movimento era o de sempre. Navios e canoas cobertas de palha desembarcando mercadorias vindas do Maranhão para os armazéns lá em cima na Rua Grande e nas próximas. Os negros embarcações e escravos, pelo efeito do sol quente, mais pareciam feitos de louça, tamanho o brilho

nos lombros. No final do dia, iriam para suas casas com o pouco ganho ou gastar, em seguida, nos botequins com aguardente.

No fim do dia, o negro Belarmino e Karl von Martius, que Simplício Dias e os de casa passaram a chamar de seu Vomartim, voltaram para casa. À noite, depois de fechadas as lojas e os armazéns e findo o trabalho no porto lá embaixo, o silêncio tomava de conta daquela região da Vila da Parnaíba. Simplício e a mulher dona Isabel convidavam Karl von Martius para a sala de visitas e ali ficavam a conversar sobre o Rio de Janeiro, o Príncipe Dom Pedro, que muito gostaria de conhecer, a Princesa Leopoldina, enfim, a realeza tão rica, poderosa e distante.

Simplício convidou o alemão para que fizesse uma visita à imponente Igreja de Nossa Senhora da Graça, construída por seu pai Domingos. Vomartin foi e até que tomou gosto pela construção, as ricas imagens, as colunas, o altar. Mas chamou a atenção para o pórtico em mármore, tomando a forma de uma abóbada de mesquita muçulmana e a rosácea muito bem-feita. Já se passavam cinco dias e as pesquisas continuavam. Agora era a atenção voltada para os insetos. E inseto era o que não faltava toda noite, além do calor de agosto. Mas Simplício garantiu que dentro de mais umas semanas começariam os ventos de setembro vindos do Testa Branca.

Os dois, Karl e Belarmino, continuavam a seguir todas as manhãs tomando a canoa e desembarcando na Ilha Grande de Santa Isabel. O alemão até que havia criado simpatia pelo diabo do negro. Com ele ia aprendendo muita coisa, nomes de plantas, insetos, bichos pequenos. Mas pouco ensinou ao escravo e protetor. Certo dia, adentraram pela ilha e lá descobriram um formi-

gueiro. Ao fazer umas escavações Karl Frederich von Martius não tomou cuidado, e quando se deu conta estava todo coberto por formigas de fogo. Se vendo de dor e já todo encalombado saiu e gritava pedindo socorro.

Belarmino quando viu o alemão naquele estado se pôs a correr. Mas temendo com o que pudesse lhe acontecer acabou voltando e depois de tirar a camisa foi batendo nas costas, nos braços, pernas, cabeça e tudo o mais do cientista. A valência foi que as formigas de fogo não atingiram os olhos. Até que deu vontade de achar graça pelo que estava acontecendo, mas engoliu a gaitada fora de hora. Na volta para casa e todo já ardendo de febre Karl Frederich von Martius foi direto para uma tina de água morna e salgada. Foi o bastante para encerrar as pesquisas na Parnaíba e dentro de mais um dia ir-se embora no rumo de Tutoia.

O aniversário do rei e do porco

HAVIA DEZENOVE ANOS que fora autorizado pelo bispo do Maranhão que se criassem algumas paróquias na capitania do Piauí, entre elas a de Nossa Senhora da Graça, esta em Parnaíba e construída pela família Dias da Silva. Naquele domingo, de 13 de maio de 1820, a vila estava em festa pelas comemorações dos cinquenta e três anos do Rei Dom João VI. Simplício e o Senado da Câmara estavam recebendo as representações de Viçosa do Ceará e do Maranhão. De vez em quando, saía na janela e dava vivas ao rei e ao príncipe herdeiro Dom Pedro.

Simplício fazia de propósito aquela festa toda. Se vingava da desfeita, de oito anos atrás, em julho de 1812, quando enca-beçou uma relação de pessoas, pedindo ao soberano para que a residência do governador da capitania fosse mudada de Oei-ras para Parnaíba, chegando a oferecer dinheiro de sua fortuna para construir o palácio, pelo que não foi atendido, assim como a questão da alfândega. Mas agora era hora de mostrar quem mandava, embora já começasse a ver a pobreza se avizinhand.

Para a festa, mataram cinco bois e duas vacas, dez porcos, uma infinidade de galinhas. Mandou vir de São Luís cinco bar-

ris de vinho e dois de aguardente, conhaque. Nas cozinhas de casa e na de pessoas da família e vizinhos, as negras cozinheiras não largaram a barriga do fogão desde o sábado. Era carne assada, cozida, e feijão misturado com os miúdos. Muita fruta, farinha, abóbora cozida, milho verde cozido e assado. Pela manhã, houve missa solene na Igreja de Nossa Senhora da Graça; e, no largo da casa, havia barracas com muita comida e bebida, uma fartura de dar inveja a festa de governador.

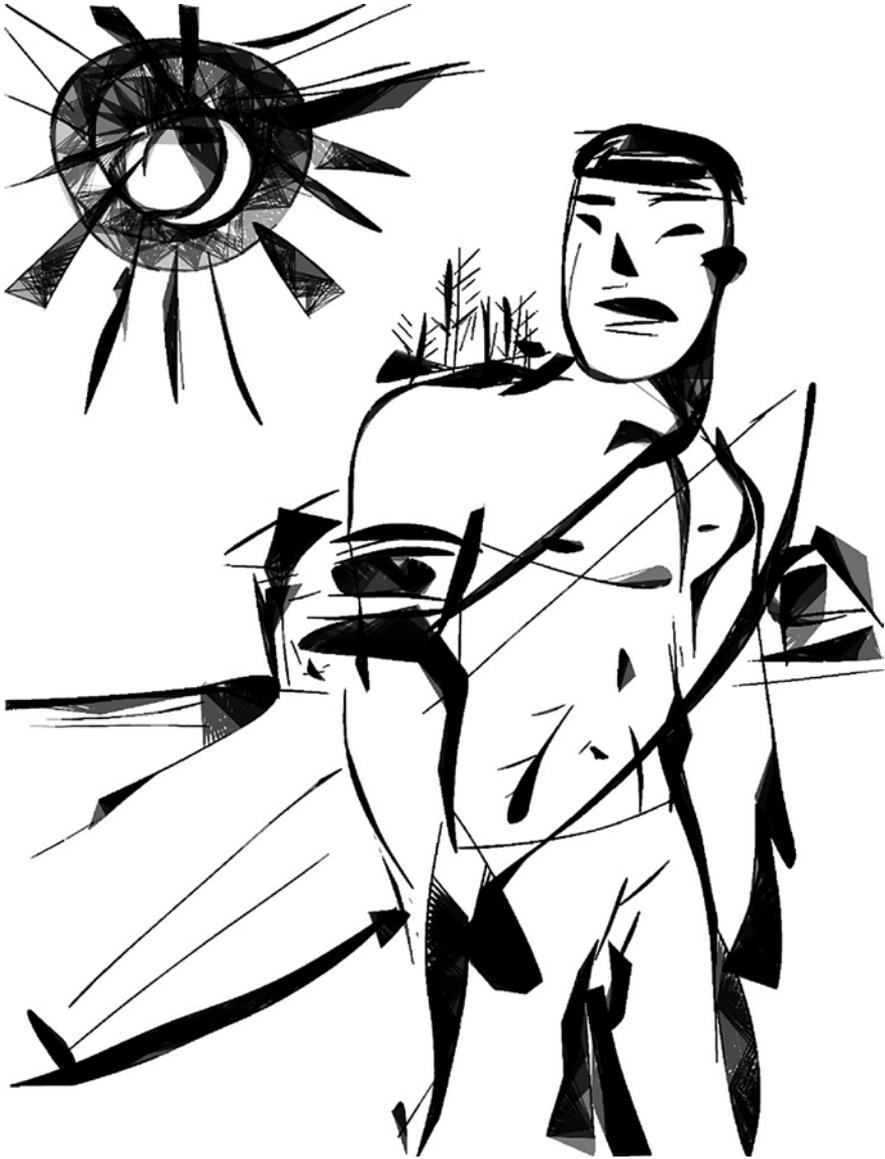
Também vieram de São Luís, no Maranhão, cinco caixas de fogos de artifício, que seriam queimados após a missa da noite no largo da Igreja e na frente da casa de morada dos Dias da Silva. Na Igreja dos pretos, do outro lado do largo, houve muito batizado e casamento. E para animar a festa do Rei Dom João, veio um circo inteirinho. Grande Circo Venice, de Amedeo Piccelli di Puntto. Vinha com cães adestrados, palhaços, cantores, anão equilibrista, engolidor de espadas, mulher barbada. No meio da missa, os três escravos violoncelistas da casa de Simplício tocaram peças sacras. Logo à boca da noite, começaram a chegar os convidados.

No cais do Porto Salgado, as embarcações estavam embandeiradas. Era um sobe e desce de gente de Tutoia e povoados, vindo render homenagens ao Rei Dom João na pessoa de Simplício Dias da Silva. E vai que naquele movimento de todo dia, que não parava nem aos domingos, um homem com seu menino foi chegando no início da manhã, de canoa, com alguns porcos para vender no mercado da Rua Grande. Mal pisou em terra firme, já foi abordado por Elias, escravo da confiança de Simplício Dias. Aqueles animais seriam para servir de comida aos convidados!

O dono dos porcos quis criar confusão, alegando pobreza e o único bem que tinha para vender e levar algum tostão pra dentro de casa. Teve resposta que nem encompridasse conversa. Eram ordens lá de cima, de seu governador e senhor Simplício Dias da Silva. Sem ter para onde correr e a quem pedir justiça, o homem caiu das carnes. Entregou os quatro porcos pra Elias e se retirou de cabeça baixa. Logo mais estaria bebendo aguardente, comendo feijoada e dando vivas ao rei com cara de porco.

Quando soube do ocorrido, já era passado, o almoço e os porcos já estavam era servindo de comida lá no largo da Igreja e na frente de casa. Deu nele raiva aquele malfeito do negro. Chamou Elias e perguntou quem deu ordens para usurpar os porcos do caboclo. Tremendo feito menino com medo de relho nos couros, se coçando todo, o escravo disse que tinha sido o senhor seu Rei Dom João! Seu rei? E desde quando negro tinha rei?

Depois de coçar a cabeça, Simplício meteu a mão no bolso e não encontrando nada mandou que fosse procurar no meio da praça o dono dos porcos. Mas antes cuspiu no chão de tijolos. Antes de secar queria o dono dos porcos na sua frente. Dom João VI bem que podia ter outros defeitos, ser tratante e falso, mas nunca seria ladrão! E ele, Simplício Dias da Silva nunca haveria de ser alcunhado de pegar no alheio, muito menos porcos.



O bacamarte e a lança

MAL HAVIA TIRADO A XÍCARA DOS BEIÇOS, sozinho à mesa naquela manhã de março de 1825, Simplício Dias ouviu baterem com insistência na porta de entrada da sua casa na Rua Grande. Na noite de véspera, tinha ido dormir tarde escrevendo uma longa carta ao Imperador Dom Pedro I, em que, ao lado de outra do governador da Província solicitava que fosse anexada ao Piauí a barra de Tutoia, no Maranhão. Essa desavença com aquele pessoal não podia ficar para a vida toda e tinha que ter um fim.

Elias veio dizer que logo de manhã, antes do cantar dos galos, haviam atracado no cais cinco canoas longas cheias de índios. Não dera ainda para saber de qual tribo eram devido à escuridão, mas eram assim por alto uns vinte, e entre eles, mulheres e crianças, alguns estavam ao que parecia doentes. O desjejum de Simplício Dias, coalhada, tomada com bolo de milho e um pedaço de abóbora cozida, mal desceu na garganta. O medo subiu. Correu no andar de cima e foi buscar o bacamarte.

Sem dar nenhum sentido de acordar dona Isabel, as filhas e a criadagem, desceu as escadas e, quando chegou no meio da rua de frente de casa, foi logo cercado pelo pessoal da guarda miliciana. Simplício mal se deu conta, mas estava ainda com a

roupa de dormir e com a cara inchada. Elias se adiantou e disse que os índios estavam naquele momento subindo o barranco e vindo no rumo das casas de comércio e da Igreja. Decerto que chegaram com o tempo turvo, mas foram atraídos pelas lanternas das embarcações no porto.

Simplício Dias chamou os homens e, falando mais baixo do que de costume, deu ordens para que, em qualquer caso, não atirassem ou fizessem qualquer movimento bruto. Índio era bicho arisco e num descuido até podia haver morte se estivessem cercados e enfezados feito o cão. Mas encarregou o capitão do porto de ficar de cima e de olhos bem abertos. Nunca tinha visto índio assim tão de perto na vida. Mas seria corajoso para chegar e conversar e saber o que queriam na Parnaíba.

O medo era de que tão logo vissem movimento nos armazéns e nas repartições do porto passassem e subissem o barranco, indo acabar na frente da Igreja. E estando eles ali e com o movimento e a curiosidade não quisessem mais arredar o pé da Parnaíba. Daí pra criarem confusão, era pouca coisa! Mas os índios ficaram lá embaixo do barranco no lado esquerdo, vindo da Barra do Longá. Entrando e saindo das canoas e chamando a atenção dos marinheiros dos navios. Não estavam em posição de beligerância, mas admirados com tudo.

Do ponto de onde estava Simplício Dias, pôde ver que eram até muitos. Eram de estatura pequena, cabelos pretos, encardidos e de pele escura. Como peça de vestir apenas umas cintas de algum tecido ou fibra de palha embaixo do umbigo. As mulheres seguiam a mesma vestimenta e com outras cintas cruzando por debaixo dos peitos grandes as costas, carregavam umas crianças, que, pelo visto, ainda não eram de caminhar, tendo

assim uns poucos meses de vida. Sobre armas, apenas arcos e flechas com menos de uma braça de comprimento. Houve quem dissesse que viu mais deles já na Barra do Longá, vindo se juntar aos de Parnaíba.

Simplício Dias mandou que Elias fosse incontinenti fechar as portas da Igreja e avisar a quem encontrasse pelo caminho que não abrisse porta de loja ou fosse o que fosse antes de suas ordens. Mas já era tarde. Os estabelecimentos já estavam abertos e o movimento vindo e indo para o cais era o de sempre. Não teve como evitar. Logo o cais estava cheio de curiosos dando comida e tentando falar com os índios, se admirando do tamanho das canoas ou tirando brincadeiras com os soins.

Os embarcações, soldados rasos, bêbados, desocupados e negros de serviços no cais do Porto Salgado estavam ali com aquela curiosidade sem vergonha por causa das índias nuas. Não eram decerto bonitas, mas como se encontravam acabavam despertando neles certos desejos e saliências. Riam, debochavam, ofereciam moedas e alguma coisa de comer para elas. Naque-la noite, ninguém dormiu na Parnaíba, na parte mais próxima do porto, embora se soubesse que eram índios pacíficos que se perderam tentando alcançar as Canárias. O dia passou e a noite veio. Os índios foram perdendo a importância. No outro dia, quando a Parnaíba despertou bem cedo e foi ver, eles tinham ido embora.



O café de Amuz

NAQUELE DIA ENSOLARADO DE 1815, o comerciante sírio Amuz Mussa, vendo passar o criado da casa de Simplício Dias na direção do Porto Salgado, pediu que na volta lhe desse o recado de ter chegado ao seu estabelecimento, Mussa & Amuz, no início da Rua Grande, duas das mais recentes novidades, café em grãos ou em pó e água de Colônia, um perfume vindo da Alemanha. A primeira, uma bebida estimulante para ser tomada quente; e a segunda, um perfume mais suave do que os tradicionais, próprio pras mulheres.

Elias não se esqueceu do recado, e, dois dias depois, num meio de manhã, quando a grande casa de produtos secos e molhados de Parnaíba acabava de abrir as portas, eis que entra o senhor Simplício Dias da Silva e dona Isabel Thomásia, sua mulher, que raramente saía de casa. A loja Mussa & Amuz, dos irmãos sírios Fauze e Amuz Mussa, ainda estava com pouco movimento, mas na mesma hora foi como se toda a Vila de São João da Parnaíba estivesse dentro dela.

Os irmãos comerciantes haviam chegado na Parnaíba no final de 1770, ainda rapazinhos, acompanhando os pais, Zaiyn e Ravna Mussa, quando muito se vendia e exportava carne de

charque. Um tempo ainda distante da crise com a escassez de reses pra abate e a entrada de concorrentes das Minas Gerais e da Bahia. Se estabeleceram no início da Rua Grande, poucas lojas e armazéns vindo do Porto Salgado pra cima.

Vendiam de um tudo. Tecidos de algodão e seda chinesa, porcelanas, rendas, linhas pra costura, botões, remédios em sachês, velas, azeites, candelabros, doces, tâmaras e damascos em calda, pimenta do reino, corantes pra tinturaria, sabão em barras, fitas, chapéus pra senhoras e senhorinhas, botas, pregos, bolsas, sombrinhas, pólvora, espingardas e pistolas, enfim tudo o que era novidade na Europa e estava nas mesas de famílias abastadas.

O casal Simplício Dias da Silva foi recebido à porta com todo o rapapé pelo irmão mais velho, Fauze Mussa, homem de uns cinquenta anos, pele morena, barbas pintando de fios brancos, dentes salientes e amarelos e tendo como vestimenta a tradicional camisa-branca. Na cabeça estava a touca de rendas e nos pés as sandálias de couro cru. Ao receber Simplício Dias e dona Isabel Tomásia, foi logo mostrando todas as novidades da loja.

Dona Isabel, mulher que poucas vezes havia saído de casa, estava sem jeito ao lado do marido, a quem todos olhavam com curiosidade, medo e respeito. Foi trazida em um vidro grande e transparente alguma coisa muito parecida com sementes ou caroços de feijão; quebrados e noutro vidro, um pó não de todo negro, mas com um cheiro um tanto forte. Era o café. Já torrado e moído, era mais caro. Novidade das novidades se gabava Mussa. Vinha do Pará e já sendo apreciado até pela família real no Rio de Janeiro.

Logo, um criado trouxe água fervente e ali mesmo fez o café numa espécie de saco de pano, sendo servido em ricas xícaras de porcelana. Amuz Mussa agora estava esperando a opinião dos visitantes, mas foi apenas Simplício Dias quem achou de muito bom paladar a nova bebida. Dona Isabel fez o que se esperava dela, apenas um aceno de cabeça dando sinal de pouca aprovação. Os dois foram aconselhados a tomar a bebida pela manhã com leite e à tarde, puro, bem adoçado com açúcar e que serviria muito bem às visitas na casa da Rua Grande. Era um estimulante muito forte e que, segundo o velho comerciante Mussa, foi descoberto na Etiópia sendo comida de cabras!

Foram passando para outras dependências da loja e a curiosidade da dona de casa da Rua Grande aumentando. As sedas, rendas, colares, luvas, sapatos, lenços, tudo era motivo de contentamento, mas os olhos de dona Isabel sempre voltavam à procura da aprovação do marido. Na casa de Simplício não se gastava nada além da conta. Na calçada e nas proximidades do caminho do porto muita gente estava esperando e querendo saber por que a Mussa & Amuz estava com aquele movimento desde cedo.

Simplício Dias e dona Isabel Tomásia chegaram ao balcão de madeira no fundo da loja e a uma ordem de Fauze Mussa foi aberta uma caixa de madeira trabalhada em relevo. Dentro dela estavam os ricos e caros frascos de água de Colônia. Era a última novidade vinda da Alemanha! Todas as casas reais da Europa, da Rússia à Grécia consumiam esta novidade da perfumaria! O governador da Parnaíba, naquele meio de manhã, saiu levando, comprado da loja, apenas um frasco do novo perfume, do mais barato, e um mercado de café em grãos para ser torrado e moído em casa.



O calango à francesa

SIMPLÍCIO ESTAVA FELIZ, embora por dentro com o coração aos pedaços. Havia tempo que sentia e via sua fortuna e opulência saindo de dentro de casa e indo parar na mão de agiotas em São Luís. Tudo por conta das investidas que achou de dar nas tramas da política, as intrigas com vizinhos, por causa do irmão Raimundo, assassinado quase na porta de casa, e de brigar por terras que não eram suas e nem seriam de seus descendentes.

Constance e Apolinaire Dabreux chegaram numa canoa larga puxada a remos por doze negros, vindos de Tutoia, no distante Maranhão. Era por volta do meio dia, quando subiram o barranco que dava para a casa de Simplício Dias da Silva e sua família. A francesa subiu numa liteira carregada por dois criados, enquanto o marido foi montado num cavalo pequeno.

Simplício e dona Isabel receberam os visitantes ainda na parte de baixo do sobrado, de paredes encardidas, de dois andares, no meio entre um outro de esquina e a Igreja, de frente para um campo de areia onde a vista mal alcançava. A mulher do anfitrião brasileiro estava vestida sem muita ostentação. Não era bonita. Morena, baixa, rosto latino e tinha uma verruga embai-

xo do lábio. Em Constance causou uma certa repugnância, mas se conteve. A filha, uma menina de seus onze anos, de pouca presença.

Era o que se esperava de uma criança nascida e criada naquele lugar de pouca gente civilizada, com as poucas ruas cheias de soldados, homens rudes e negros suados, embarcações e negras nos mais diferentes ofícios. Constance tão logo subiu as robustas escadas de madeira para acomodar a bagagem, trouxe na volta uma caixa. Chamou a menina e entregou pedindo que abrisse o presente. Uma bonita boneca de porcelana, olhos pintados de azul e cabelos humanos.

Uma joia na frente daquelas suas de pano ou de sabugo de milho feitas pelas criadas. Recebeu e tratou de se retirar sem agradecer. Era acanhada demais e mais ainda com estranhos. Para dona Isabel Tomásia, um xale negro de renda espanhola e um corte de seda azul turquesa. Simplício havia ganhado de presente de Apolinaire Dabreux um rico estojo de escrita com tinteiro de prata e cuja tampa era de cristal da Boêmia.

Os dois homens agora conversavam na janela de cima do segundo piso enquanto olhavam o serviço dos negros lá embaixo no cais. Olhando em volta, nada era verdade do que Constance ouviu pela boca de outros franceses encantados com a América do Sul. Simplício e sua família estavam arruinados. A pobreza começava a bater na sua casa pela porta dos fundos e a cozinha era testemunha. Mas com o casal estrangeiro, Simplício quis fazer bonito.

Na missa de domingo, Constance e Apolinaire Dabreux, Simplício Dias e dona Isabel Tomásia ficaram na parte reserva-

da aos principais. Após a demorada celebração, foi ordenado que entrassem três negros, todos jovens, entre quinze e vinte anos. Era a orquestra de que tanto Constance e o marido ouviram falar ainda no Porto de Marselle, de que um rico comerciante no Piauí mantinha às suas custas. Executaram duas peças sacras curtas e saíram silenciosos. Estavam vestidos com roupas ordinárias e mal cortadas. Mas um detalhe chamou a atenção, estavam descalços.

Apolinaire Dabreux acompanhava a música dos escravos com os olhos fechados, a mão na boca escondendo uma certa surpresa e reprovação. Como podia numa terra daquela, distante da sua França e da civilização, alguém à custa de muita teimosia e violência meter na cabeça daqueles negros um rasgo de arte, uma arte que só era possível vinda da Europa? Simplício olhava para o casal francês como que procurando aprovação. Estava radiante.

No almoço, servido na parte de baixo do sobrado, a mesa estava farta. Fazia muito tempo que isso não acontecia. A louça estava limpa, os talheres lustrados à custa de muita areia lavada e sabão de coco. Bananas, mangas e laranjas vindas do distante Maranhão, carne de gado ensopada, perus e galinhas assados, vinho do Porto e água de coco. Constance ficou admirada com aquela bebida. Apolinaire não demonstrou muito gosto pela novidade. Mas bebeu um copo.

De repente, assim do nada, todos sentados em volta da mesa, enquanto a criadagem trazia e retirava pratos, entra um calango. Simplício, que vinha convalescendo de umas bolhas nos pés, foi o primeiro a dar sentido. O lagarto feio, pele entre o negro e o cinzento, quando parado ficava balançando a cabeça, ataranta-

do, correu para debaixo da mesa e quase se perde embaixo dos vestidos das mulheres. Gritos e mais gritos se ouviram. Os criados vieram com pedaços de pau e cabos de vassoura tentando achar e espantar o bicho.

Já nesse instante as duas mulheres haviam subido as escadas e estavam muito aflitas. Um calango. Simplício se pôs a dizer para Apolinaire Dabreux como era viver numa terra ainda cheia de animais venenosos e até, vez por outra, selvagens. O francês ia ouvindo tudo, concordando e consigo a pensar. Não, aquela terra perdida da América do Sul iria apenas ser outra Jamaica, Haiti e Cuba. Não e nunca seria como a França! Na sua França jamais se teriam calangos à mesa.

O casamento de Cunhandita

ERA PASSAR UM EMBARCADIÇO mais limpo e perfumado, vindo do Porto Salgado, com algum sinal de mil réis na burra ou um negro de melhor feição que fosse no rumo das casas de raparigas na Coroa, e lá estava Cunhandita se mostrando na janela e se fazendo de faceira. Aos sábados e domingos, largava o fogão e os trens da cozinha da casa de Dr. José Cândido e, na companhia de outras negras, atravessava a Rua Grande para ir à missa na Igreja do Rosário.

Cunhandita, negra cozinheira da casa do médico Dr. José Cândido de Deus e Silva, mas nos assentamentos da Igreja era Benedita dos Santos e só. Santos ela ganhou de sobrenome, por ter nascido logo nos primeiros dias de novembro daquele ano de 1794, no Igoronhon, Maranhão; foram dados ela e dois irmãos como pagamento de uma dívida do comerciante de madeiras Simião Justino ao doutor seu dono e patrão.

Os irmãos Miguel e Onofre, quando tinham dezoito e vinte anos, morreram no naufrágio de uma canoa carregada de bananas entre as Canárias e Tutoia, quando vinham pra Vila da Parnaíba. Morreram e ficou por isso mesmo. Cunhandita acabou ficando sozinha no mundo. Largado o serviço da cozinha, onde

fazia de um tudo, se punha na janela e num descuido da patroa, que vivia cochilando por dê cá aquela palha, ia até a porta para dar definição de quem entrava e quem saía das outras casas na Rua Grande e adjacências.

E nesse ofício de ficar espiando a vida alheia e se insinuando e mostrando os peitos na janela para quem quisesse ver, acabou chamando a atenção de Raimundo Dias da Silva, irmão do Capitão Simplício Dias, marido de dona Isabel Tomásia. Era rapaz de boa presença, rico, doido por farra na Coroa e no Porto Salgado e que viu na negrinha de antes de vinte anos, na flor da idade, tudo e mais um pouco pra movimentar sua vida naquela Vila da Parnaíba em 1811. Cunhandita agora era meter a cara na porta e lá estava o filho de finado Domingos Dias da Silva passando a cavalo e tudo o mais.

Cunhandita no início quis se fazer de difícil, naquele mundo em que estava desamparada e no qual um negro nunca iria ter direito, muito menos ser acreditado. Sentiu que Raimundo Dias da Silva queria alguma coisa, mas pensasse o que pensasse, ela era moça de casa de família. Vai que o Dr. José Cândido fica sabendo? Era coisa de sair com uma mão na frente e outra atrás e tendo certeza de um grande castigo. Mas não houve quem fizesse Raimundo arredar o pé. Era de dia e de madrugada esquentando os fundos das calças numa sela do cavalo e assobiando, em tempo de acordar o doutor.

Passados uns meses Raimundo e Cunhandita estavam se deitando. E mais um pouco, um belo dia de tarde a patroa desconfiou que a negra estava era prenhe! Não bateu e nem tirou pedaço, mas deu uma prensa bem dada. Cunhandita não queria dizer o nome do autor do malfeito. Foi o custo de a mulher do

médico ameaçar contar a situação ao marido. Coisa de no mínimo uma dúzia de bolos de palmatória bem dados. Aí a negra caiu das carnes, chorou, pediu clemência, lembrou a vida miserável e a morte dos irmãos, coisa e tal. Disse nome e sobrenome, Raimundo Dias da Silva, irmão de Capitão Simplício Dias. A casa de José Cândido de Deus e Silva e as próximas da Igreja quase vieram abaixo.

Doutor José Cândido foi informado uns quinze dias depois do ocorrido, e, numa noite, entre uma conversa com Simplício Dias e o irmão, sobre a ocorrência de incêndios nos armazéns de charque que tiveram como suspeitos uns negros fugidos pra Araiões no Maranhão, pediu que o irmão Raimundo Dias da Silva reparasse o erro de fazer mal à negra cozinheira de sua casa. As conversas já haviam deixado as camarinhas pra ganhar a gente mais elegante na praça da matriz, nos pontos de comércio e até nas repartições do governo da Vila da Parnaíba.

Simplício chamou o irmão Raimundo e mandou que desse jeito naquele embrulho em que havia se metido. Falou pras paredes! Que negra? Fazia empenho de se deitar com diabo de negra? Queria que se casasse abugigado? Era de dar ocupação de seu tempo com negra fedendo a azeite? Mas se o irmão Simplício Dias fazia mesmo questão de criar justiça com pouca coisa, que arranjasse ele mesmo um casamento pra Cunhandita com algum negro de suas terras nos Morros de Mariana, Tatus, lugar bem longe! Era a saída.

Do dia pra noite Cunhandita deixou a casa de Dr. José Cândido e foi embora pra sua terra. Levou umas mudas de roupas e algumas moedas de tostões que recebeu do patrão e da mulher pra nunca, mas nunca mais por os pés na Vila da Parnaíba.

Quando tomou assento na canoa naquele início de tarde no Porto Salgado, pra ir embora de uma vez da casa do patrão, Cunhandita estava com a barriga já tomando vulto e junto de negro Afonso, seu camarada. Quando caiu a noite, a Vila da Parnaíba pôde dormir sem medo de escândalo, mas Raimundo Dias da Silva iria continuar andando a cavalo, feito quem vira bicho e assobiando embaixo das janelas alheias.

O enterro das pedras

ELIAS JÁ NÃO TINHA MAIS DE QUEM CUIDAR. Simplício Dias da Silva, com sua fama, glória e valentia na Vila de São João da Parnaíba, agora estava morto e seria enterrado. E o tempo se encarregaria de colocar o pano do esquecimento. O escravo olhava por cima da janela que dava para o lado da Rua Grande, vindo do Macacal, as gaiolas de passarinhos, e se lembrava que o senhor seu dono gostava deles nos poucos momentos longe das preocupações de fora. Simplício Dias da Silva, sempre quando dava na lembrança, mandava comprar frutas das vendedoras de Ilha Grande. Gostava de ver os passarinhos furando as goiabas à procura de sementes.

Tão logo Simplício Dias da Silva morreu naquele dia 17 de setembro, e ele, Elias, mandado tomar as providências de enterro, não se havia tido um rasgo de descanso naquela casa. Embaixo na rua e próximo de casa, a venda de verduras e frutas foi proibida. Era para respeitar com o silêncio. A escrava cozinheira, condoída de Elias, veio lhe trazer no início da noite, e já passado o pior, uma tigela de paçoca de gergelim e chá, mas ele pouco fez caso daquela janta. Coisa de colocar um pouco na boca e sair pra ver quem chegasse pra sentinela. Vieram alguns

principais de Parnaíba, comandantes de navios, representantes dos consulados da Inglaterra e da França, comerciantes, parentes e agregados.

E assim foi aquele resto de tarde e começo de noite na Vila de São João da Parnaíba, com a notícia da morte de Simplício Dias da Silva. Os escravos tidos na cozinha, agora mais pobre que antigamente, iam e vinham trazendo cadeiras, água e alguma coisa de comida e o que fosse necessário para quem estivesse chegando à sentinela. As mulheres traziam flores, que eram levadas até a parte onde estaria sendo velado o coronel. Mas se medindo e contando pela quantidade e influências de quem estava entrando e saindo, agora eram poucos aqueles que vinham reverenciar o morto e consolar a viúva, a filha Carolina e os outros parentes.

Os tempos eram outros. Os negros cativos ficaram onde deviam ficar. Tomavam cuidado para que nada faltasse, mas longe da presença dos donos da casa. No meio da madrugada, com as sentinelas do defunto rareando ou indo embora, dona Isabel Tomásia e os mais próximos vieram rezar um terço pela alma do marido. Elias estava desde cedo, e com a ajuda de outro negro, cavando dentro da Igreja a cova onde seria enterrado o coronel, embora contrariando uma determinação de há muito tempo do bispo de São Luís, no Maranhão.

O corpo de Simplício Dias da Silva chegou ao salão de baixo da casa de morada no começo da noite. Foi um momento de grande comoção para os poucos presentes. Quem chegou mais perto pôde ver que, ao contrário do que se esperava, o coronel não trajava o uniforme de gala com as medalhas. Estava vestido com um chambre branco de pano ordinário, e nas mãos segura-

va um crucifixo de prata, o único sinal de sua antiga opulência. O rosto estava magro, os queixos fundos, olhos encovados, a pele seca, mais parecendo uma múmia do Egito.

Um longo silêncio se deu, tão logo os seis negros colocaram o caixão de madeira escura e sem ornamentos em cima da mesa baixa. Em seguida, dona Isabel Tomásia ordenou que acendessem as velas, e duas senhoras ao lado se puseram a rezar, no que foram seguidas por quem estava presente. Elias estava entre a porta de entrada e o grande salão na parte baixa da casa. Atento ao meio da rua e a quem estava na sentinela. O cheiro das flores para o defunto, misturado ao das velas grossas queimando, às vestes das senhoras com as cabeças cobertas por véus e batendo os beiços em orações, estava longe do que se passava lá embaixo no porto e para os lados dos Tucuns e no outro lado da Ilha Grande de Santa Isabel.

Alguns comandantes de navios, como os dos brigues Rei de Lisboa, Independência e Santa Ana, ancorados desde o início de setembro no Porto Salgado, tão logo tomaram conhecimento da morte do coronel, colocaram as bandeiras a meio mastro e a tripulação não teve autorização para baixar terra. Era uma determinação para evitar confrontos com algum paisano em bebedeira e em sinal de respeito ao ilustre morto. Simplício Dias em vida muitas vezes os recebeu em sua casa, para demoradas conversas sobre a navegação costeira e os negócios.

Longe e nem tanto, nos Tucuns e na Coroa, lugares onde estava o povo mais pobre, a milícia estava nas ruas estreitas e úmidas. A ordem era de que ninguém saísse para os lados da Igreja da Graça. Havia temor de que muitos negros e até gente pobre pudessem, se aproveitando da ocasião e do escuro da noi-

te, mais exaltados, criar algum tipo de confusão e desassossego na sentinela do coronel e governador da Vila da Parnaíba. As ruas estreitas indo para a região dos Tucuns e do Cheira Mijo foram ficando vazias.

O escravo fiel, que, por seu dono, foi capaz de fazer umas poucas e boas na Vila da Parnaíba, pintar o diabo de encarnado e, se preciso fosse, matar, ferir e dar fim em gente que ameaçava Simplício Dias da Silva. Nem se dava conta de que passados mais uns dias estaria abandonado e se não se cuidasse, poderia ser assassinado por vingança de alguém na rua, dos Tucuns, na Coroa, no Buraco dos Guaribas ou no Testa Branca ou no porto, onde tinha muitos desafetos.

Elias, agora ali naquele momento, encostado na parede e vendo entrarem os ilustres, os amigos condoídos, os de longa data e até os inimigos do coronel, vinha martelando na cabeça uma ordem de seu senhor de há muito tempo, quando Simplício Dias da Silva ainda falava e podia ser ouvido. O medo de que depois de morto seu túmulo fosse profanado por seus inimigos, a quem havia feito mal, praticado algum tipo de violência. Nesses momentos de solidão que antecipavam sua morte e tendo como única testemunha o escravo, o outrora senhor da Parnaíba temia pelo desamparo e a pobreza com que estava deixando a mulher, Isabel Tomásia, a filha Carolina e outros da sua família.

Elias ficou ali, naquele sofrimento, entre saber ou não saber o que seria se, de repente, alguém fosse numa noite ou de madrugada abrir a cova e levasse o corpo de Simplício Dias da Silva e desse um fim nele, jogasse aos animais na rua ou no mato, queimasse, fosse o que fosse de ruim e de perverso. E tanto ficou naquela inquietação da cabeça que acabou de cócoras dando um

cochilo. E, nesse cochilo, Elias longe dos olhos de dona Isabel Tomásia e do chefe da milícia, que, de ordinário fazia a ronda, dando segurança a quem estava na sentinela, acabou sonhando que, sendo o caixão aberto pras despedidas da viúva, da filha e dos presentes, antes de descer à sepultura na Igreja da Graça, naquele dia 18 de setembro de 1829, nele não havia o corpo de Simplício Dias da Silva, mas pedras.

Sim, pedras, muitas pedras. Umhas grandes e outras de bom tamanho que, dentro do caixão e cobertas de panos, causavam impressão como se fosse um esqueleto de gente. E aquele sonho trouxe como que uma gastura, um peso na cabeça, um sono pesado, um frio no espinhaço e uns arrepios. Voltando daquele passamento ligeiro, Elias ficou com medo de que tudo aquilo fosse um sinal de que coisa ruim haveria de acontecer. Simplício Dias da Silva ainda estava em cima da terra e já fazendo visagem? Santa Mãe do Céu, valei este seu filho das tentações do Capeta!

Causando assombro em quem mais lhe deu fidelidade, mas esteve com ele depois de dona Isabel Tomásia nos últimos dias antes de morrer? Calculou e calculou os riscos. Daquele sonho com as pedras, Elias tinha agora a intenção de fazer uma coisa que nunca seria descoberta por ninguém, mesmo que passados muitos e muitos anos, tempo a perder de conta. Depois do sétimo dia, quando sobre a morte do coronel ninguém mais falasse na Coroa e nos Tucuns e caísse enfim no esquecimento daquela gente toda, ele iria abrir a cova, retirar o corpo e enterrar bem longe, num lugar difícil de ser achado.



O sumiço das galinhas

FOI SÓ FICAR SABENDO QUE SEU COMPADRE e amigo de lutas políticas no Piauí, Simplício Dias da Silva, governador da Vila da Parnaíba, estava muito doente, sem força nas pernas, tísico e até já com dificuldade de falar alguma coisa, que Benevides do Prado, negociante de Chaval, no Ceará, mandou selar um cavalo e, sem piscar os olhos, ordenou que Romeu, seu escravo de confiança, corresse no terreiro da fazenda e trouxesse na sua presença umas cabeças de galinhas. Era para o coronel tomar uns caldos e quem sabe recuperar as forças.

A viagem de Romeu foi sofrida, por aqueles matos secos do início de setembro, saindo de madrugada na direção da Vila da Parnaíba. Em cima do cavalo levava umas dez cabeças de frangas de primeira pena, ainda não cobertas por galo, canelas limpas, de crista miúda. Aves de dar gosto até de vender num mercado. As melhores que pôde tirar da imensa criação de Benevides do Prado no distante Chaval. No romper da manhã, Romeu chegou ao largo da casa de morada de Simplício Dias da Silva e, com medo de causar perturbação, achou de esperar de longe.

Romeu, negro de seus quarenta anos, trazia no alforje uma carta de Benevides do Prado, em que o cearense desejava ao

coronel, no Piauí, pronto restabelecimento da saúde e falava da carga de galinhas para o compadre se alimentar. Recomendava que as franguinhas servissem de canjas nos finais de tarde e até, se assim desejasse, antes de dormir, pra não darem empanzinamento. Era presente seu, e, se assim desejasse mais, era só ordenar. E foi o escravo ficar esperando um tempo longo alguém sair da casa de Simplício Dias da Silva que fez com que tomasse uma decisão.

Tomou o rumo do Porto Salgado, lá embaixo, e por lá foi visto com o cavalo e as franguinhas, por uns marinheiros do navio Princesa de Belém. Viram as aves e acharam de perguntar ao negro de quem eram e se estavam à venda. Se vendesse as galinhas, iam servir de refeição a bordo, ainda naquela manhã de quarta-feira! Romeu ficou coçando a cabeça por uns instantes e, esfregando as mãos e metendo no alforje, se lembrou da carta de Benevides do Prado. De baixo, onde estava, respondeu que a carga era presente de seu dono para o Coronel Simplício Dias da Silva.

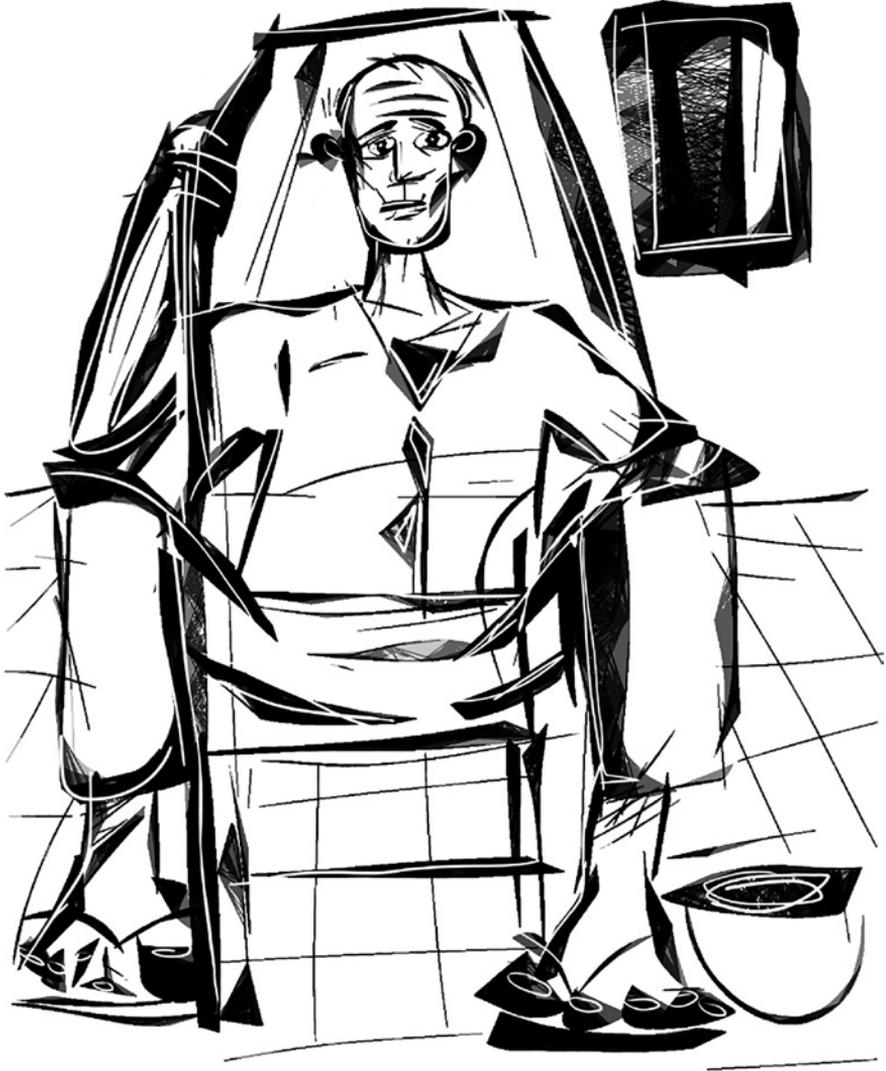
Os marinheiros não perderam tempo em dizer que, do jeito que Simplício Dias estava, mais morto do que vivo, não iria sentir falta e nem ninguém iria dar conhecimento de que umas dez galinhas novas, vindas do terreiro de Benevides do Prado, em Chaval, iriam fazer falta. Que vendesse, pegasse aquele bom dinheiro e fizesse uso nas lojas e armazéns da Parnaíba. Seria dinheiro suficiente até pra que fosse gastar com mulheres e bebidas nos Tucuns ou na Coroa. Romeu alegou que havia uma carta do seu senhor para o coronel, dando ciência da carga e desejando pronto restabelecimento.

De novo os marinheiros acharam de meter na cabeça do negro Romeu que desse um fim na carta. Simplício nem iria fazer

questão de saber. Ficaram jogando preços nas galinhas como se estivessem num leilão. A aposta já alcançava uma boa soma e sempre coberta por um marinheiro mais afoito. E naquela disputa foram indo, foram indo, foram indo e o negro fazendo bossa e criando e encompridando conversa por conta de sua condição e fidelidade. Vai que alguém reconhece e depois fica sabendo do que veio fazer na Vila da Parnaíba? O sol já estava alto quando, finalmente, Romeu aceitou vender as dez franguinhas, presente de Benevides do Prado, do Chaval, pra Simplício Dias da Silva, na Vila da Parnaíba.

Romeu aceitou uns dez tostões pelas dez franguinhas. O marinheiro desceu da embarcação e veio fechar o negócio. Uma a uma as dez moedas foram caindo na mão grosseira. O negro, que nunca havia pegado em dinheiro, estava satisfeito. E não é que tinha jeito pra negociante? Pegou as moedas e enfiou no bolso da calça. Ainda meio afobado e incentivado pelo comprador das galinhas, abriu o alforje, retirou a carta e dando mais uns passos rasgou e jogou os pedaços dentro do rio Igarçu.

Depois, puxando o cavalo pelo cabresto tomou o rumo da ribanceira e se perdeu no meio de toda aquela gente do Porto Salgado, entre os armazéns, as lojas, as negras vendedoras de frutas e verduras e os negros carregadores de água para beber e tomar banho, nas primeiras horas da manhã. Quando voltasse pra Chaval, daqui a mais um dia, se voltasse, iria dizer que Simplício Dias da Silva, dado o estado em que se encontrava, nem fizera mais questão de receber presentes. E sua mulher, dona Isabel Tomásia, que não sabia ler e nem escrever, apenas recomendou agradecimentos. Aqueles tostões ele não tinha!



Segredos que se transformam em cinzas

ELIAS TOMOU PRIMEIRO A LAMPARINA e foi direto ao canto da casa. Entre a parede dos fundos da Igreja, dando para o quintal, mandou Mata Pombo cavar um buraco de boa fundura pra depois ir buscar lá dentro, enrolada num pano velho, a pequena caixa de madeira escura com os documentos mais valiosos que seus olhos tiveram de ver e sua única mão já de um dia pegar.

Além de peças pequenas, e objetos sem importância, havia algumas cartas trocadas com políticos e com o imperador Dom Pedro I, recibos de compras de escravos vindos da Bahia e do Maranhão e de mercadorias de seu senhor Simplício Dias da Silva com outros comerciantes.

Quando ainda estava bom do juízo e podendo falar, um dia de 1827, o coronel e governador da Vila da Parnaíba chamou Elias e, depois de reler todos os documentos, ordenou que desse fim naqueles papéis. Simplício Dias deu a entender ao escravo de confiança que, se vistos por alguém de fora de casa depois que ele fechasse os olhos, em muito haveria de dar confusão e desgraça no meio de sua família e nos políticos que se tornaram seus inimigos. Que tocasse fogo nos papéis. E nos objetos, enterrasse em lugar que ninguém pudesse nunca encontrar.

E à medida que mostrava este ou aquele documento para Elias, Simplício Dias da Silva ia dizendo do que se tratava. Este é uma carta ao Imperador Dom Pedro I em que ousava pedir ressarcimento por ter fornecido cento e cinquenta arrobas de algodão em fardos, dez arrobas de carne de charque e dez escravos tirados da propriedade da Barra do Longá para os serviços das tropas brasileiras na Guerra da Cisplatina.

Noutro documento, de novembro de 1802, havia um recibo de compra de trinta escravos, trazidos da praça de Salvador, na Bahia. Carta ao Visconde da Parnaíba, Manuel de Souza Martins, em que se sentia incomodado com os insultos recebidos por parte de gente do juiz de paz João Cândido de Deus e Silva, por não ter aceitado ser governador da Província do Piauí. Mais um recibo de compra de terras na região do Pirangi e, dentro da carta, um curioso carço de amendoim.

Logo em seguida, mostrou ao escravo e confidente aquela carta que seria o mais importante dos documentos e, ao mesmo tempo, aquele que lhe trouxe mais contrariedade na Vila da Parnaíba e na Província do Piauí. Carta em que Dom Pedro, numa caligrafia bem cuidada, lhe agradece pelo apoio à causa da Independência e oferece o cargo de governador.

Simplício Dias lia e relia, acentuando trechos da carta imperial de 25 de novembro de 1823, na qual constava a consideração aos distintos merecimentos, patriotismo e adesão à sagrada causa do império e mais qualidades recomendáveis. O resto da conversa até Elias havia de lembrar de cor e salteado no que deu.

Num papel já amarelado mais que todos os outros, datado de 1814, encontrava-se o pedido para que o governador da Ca-

pitania do Piauí, Baltazar de Sousa Botelho de Vasconcelos, se empenhasse em transferir a capital para a Vila da Parnaíba, mas receoso de que o povo e as câmaras fizessem oposição. Elias estava atento a tudo o que dizia Simplício Dias da Silva, e, vez por outra, dava sinal com a cabeça de que estava entendendo tudo. Em outra carta, manda ao chefe de milícia uma apuração mais rigorosa sobre o assassinato de seu irmão Raimundo, em 1812, inclusive recomendando, caso fosse necessário, usar de pulso forte. Esse pulso forte significava violência.

Simplício Dias mandou que Elias providenciasse a destruição daqueles documentos e, se necessário fosse, com a ajuda de outras pessoas, não deixasse testemunhas. E essa outra pessoa apareceu. Mata Pombo, um negro sem dono, de uns vinte e cinco anos de idade, meio maluco e que vivia perambulando entre a Rua Grande, o porto e o largo da Igreja dos pretos. Este seria fácil de, terminado o serviço, dar fim nele. Mas os documentos continuavam a ser mostrados. Agora eram alguns sobre a posse, por ele e os de sua família, da Ilha Grande de Santa Isabel.

Quando ia mostrando esses documentos, o coronel pouco falava. Este silêncio, de vez em quando, era de propósito. Alguns ele passava por cima. Elias, pela condição de inferior, de servo, não ousaria perguntar, e ele não tinha interesse em dar maiores explicações sobre certas passagens e decisões. Dentro da caixa, ainda estavam uma pequena imagem de madeira de Nossa Senhora do Carmo, cinco contas de vidro de um terço, provavelmente de sua mulher Isabel Tomásia, duas penas de periquito ou papagaio, um botão de camisa, um bico de pena de escrever.

Documentos datados de janeiro de 1824, em que o coronel Antonio José Henriques dava como recebidos peças, petrechos e

munições de guerra, tirados de Parnaíba por Fidié e as peças de prata e alfaias da Igreja de Nossa Senhora da Graça. Simplício estava perdendo o gosto pela luta.

Constatação presente em sua voz, agora mais baixa, e nos gestos. Elias via o senhor indo embora pra morte e procurava tirar da cabeça este lado ruim da realidade. Seus negócios iam dando sinal de queda e outros comerciantes estavam roendo as unhas e somente esperando a sua morte pra avançarem nas suas terras.

Elias fez trato com Mata Pombo, para que numa hora qualquer da noite viesse com ele fazer um serviço na casa do Coronel Simplício Dias da Silva, e pelo que iria ganhar uns tostões. O negro veio e entrou sem ser visto por um portão de madeira, do lado entre a Igreja e a esquina e foi ao encontro do outro e os dois juntos pegaram a caixa e a lamparina.

Iriam testemunhar o sepultamento e a destruição de muitos documentos que o coronel ficaria devendo à história da Parnaíba. Com o buraco cavado nos fundos do quintal os objetos seriam enterrados. Era ordem de Simplício Dias. Mata Pombo depois fez o pelo sinal da cruz umas três vezes. Nem adivinhava que iria morrer.

Agora era a vez de queimar os documentos. Mata Pombo jogou um pouco de azeite em cima dos papéis e aproximou a chama da lamparina na ponta de uma das cartas. Elias assoprou e assoprou até que tudo foi pegando fogo. Veio na direção dos dois escravos um cheiro forte de papel velho queimado. Lá de cima do andar do meio da casa de Simplício, uma pessoa pigarreou dando sinal de que alguém estava acordado. Decerto que não era dona Isabel Tomásia, mas o marido e mandante do serviço.

O fogo demorou a tomar conta de tudo. Foi preciso que os dois negros ficassem assoprando para que finalmente, dado um tempo, as labaredas baixas consumissem os documentos. Mas sobraram algumas pontas dos papéis e essas pontas foram se juntar à areia do quintal. Agora eram os poucos objetos sem importância que ganhavam destino.

A imagem da santa, que Mata Pombo quis ficar pra ele, mas Elias não permitiu. Depois as contas de terço, a pena de escrever, as duas penas da ave. Sem qualquer cuidado, foram um a um sendo jogados dentro do buraco. Tudo terminado, Elias e Mata Pombo estavam cansados e suados pelo serviço.

Foram depois para os lados do cais do Porto Salgado atrás de alguma venda onde pudessem beber alguma coisa. Eram altas horas, mas o propósito de Elias de não deixar testemunhas estava prestes a ser cumprido. Acharam mais lá embaixo, já dentro de umas casas no Cheira Mijo, uma venda aberta. Elias ficou atrás e deu dinheiro pra Mata Pombo comprar aguardente.

Mandou o outro porque não poderia ser visto por qualquer um na rua e fora dos domínios de Simplício Dias, numa hora daquelas e na companhia daquele que estava marcado para morrer. De madrugada, Elias voltou à casa de Simplício Dias da Silva. E, na ponta do pé, foi entrando pelo mesmo portão dos fundos. No quintal, foi até o poço, tomou um banho demorado e depois foi até o quarto onde dormia, trocou a roupa suja de sangue por uma mais limpa.

Naquele sábado, quando era baixo o movimento da Rua Grande para baixo, no Porto Salgado, todo mundo ficou sabendo que um negro vadio, sem dono e apenas conhecido pelo nome

Mata Pombo, havia sido encontrado morto a facadas. Decerto que pelas características do crime, um golpe certo na garganta, foi briga entre ele e algum marinheiro disputando a rede de mulher da vida ou disputa de jogo de azar. Mesmo sem ter dormido muito e ainda cansado pelo serviço da noite passada, Elias estava aliviado. Tudo aquilo que lhe fora ordenado por Simplício Dias da Silva havia sido cumprido, queimado e enterrado.

Simplício Dias à espera de Napoleão Bonaparte na Praia da Pedra do Sal

SE PUDESSEM DIZER PELO MENOS ALGUMA COISA, um nome feio por menor que fosse, e não parecesse ofensa e insubordinação, aqueles soldados famintos, com sede e os pés cheios de bolhas, certamente diriam que o Coronel Simplício Dias da Silva, aos trinta e cinco anos, estava fazendo papel de palhaço em cima daquelas pedras e com os olhos vidrados pra dentro do mar, na praia imensa e sem vida da Pedra do Sal, naquela manhã de fevereiro de 1808.

Tudo porque o governador da Capitania do Piauí, Carlos César Burlamaqui, que passava o dia lá na distante Oeiras, limpando as unhas com a ponta de um punhal e de vez em quando fumava um cigarro filado de um cabo puxa-saco, cismou de mandar pra Parnaíba um estafeta. Instruindo o Coronel Simplício Dias da Silva a ficar com os olhos bem abertos, porque o Piauí corria o risco de ser invadido pelo General e Imperador Napoleão Bonaparte, à época, com trinta e nove anos.

Burlamaqui recebeu notícias de que a França havia riscado Portugal do mapa da Europa, e tudo indicava que o príncipe Dom João corria risco de ser preso e até morto em Lisboa, se

não desse a qualquer hora com a família nas costas da Bahia, o que realmente acabou acontecendo. Vinha de mala e cuia com um monte de ministros e de assessores. Instruía do governador ao comandante militar sobre a defesa do litoral piauiense e confiava na perícia do parnaibano. Simplício se encheu de moral e armou logo de manhã uma confusão na cozinha, porque a criada não havia cozido os ovos e o leite não havia chegado.

Depois de calçar as botas lustradas a esmero, fardado e medalhado, descendo para a frente da casa de morada, reuniu a tropa, nada mais que uns trinta soldados rasos, dois oficiais e uns cinco escravos como pessoal da logística. Marchar até a distante Praia da Pedra do Sal, umas quatro léguas e meia de Ilha Grande de Santa Isabel a dentro, esperar que aparecessem os franceses, que, segundo alguns fofoqueiros da Praça da Graça, seriam comandados pelo próprio imperador, pois este, ao que constava, muito queria conhecer o Delta do Parnaíba e principalmente o Porto dos Tatus.

Simplício Dias da Silva, naquela manhã, estava com a cachorra! Mandou perfilar a tropa e a banda executar o hino de Portugal. Depois subiu as escadas à procura de dona Isabel Tomásia para dar algumas instruções, caso pudesse ocorrer algum infausto na campanha. Os negros iam levando em grandes caixas de madeira, a farinha, a carne seca e, nas ancoretas, a água para beber. E não tinha outra coisa não. Os soldados armados com espingardas velhas de encher pela boca estavam um aqui e outro ali, reclamando porque não haviam recebido as diárias.

Foi emocionante e, ao mesmo tempo, triste a expedição dos voluntários da Parnaíba que iriam enfrentar Napoleão Bonapar-

te e os seus soldados naquela que se chamaria a Batalha da Pedra do Sal. Choro e ranger de dentes. Ranger de dentes mesmo era para os escravos, que iam levar na cabeça e nos ombros todos aqueles apetrechos, aquela arrumação toda, sabendo que iriam voltar com a cara calçada de vergonha. Atravessaram o Igarapu e entraram de ilha adentro. Simplício e os oficiais montados a cavalo e os soldados a pé e ainda cantando, que era pra ninguém ficar mangando ou reclamando uns dos outros. Castigo era meia dúzia de bolos de palmatória de número dois, aquela que tem um furo no meio.

Depois de cinco horas de marcha batida, havia gente arrengando de ter deixado o bem-bom da caserna! Um sol de rachar os miolos. Carnaúba pra tudo que era lado e depois as enormes dunas de areia quente queimando o solado dos pés. Levaram um dia inteiro nessa arrumação. Simplício de vez em quando olhava para trás, pra ver se alguém estava fazendo corpo mole ou querendo correr no rumo do Labino. Ao final da tarde, avistaram as pedras enormes. Os animais, os soldados e os negros estavam enfadados, mas ninguém reclamou ou deu um piu! O pessoal da logística foi logo tratando de montar as barracas onde iriam dormir o Coronel Simplício Dias e os oficiais.

Ficaram dez dias esperando um sinal que fosse vindo do mar. Comendo carne seca com farinha branca e bebendo água racionada. Ninguém tomava banho. Nos três primeiros dias, os soldados passavam o dia marchando e recebendo instruções de combate. Mas do quarto dia em diante, como ninguém era de ferro e nem via e nem ouvia um sinal de vida, uns foram saindo e ganhando as pedras, outros pescando, outros fazendo poesia.

E outros se danaram a escrever os nomes de esposas, namoradas, amantes e casos nas pedras. Era letra de tudo quanto era jeito e tamanho. Anita, Solange, Marilda, Pretinha, Diane, Lucineide, Socorrinha, Angélica, Bruna, Fransquinha, Lurdinha, Patrícia, Rebeca. Encheram as pedras de declarações de amor, corações e de nomes. Simplício fazia que não estava vendo nada. Passava o dia riscando o chão de areia fofa com um graveto e mandando os oficiais menores procurarem o que fazer ou indo até a parte da cozinha de campanha olhar pra dentro das panelas.

A água e a paciência dos soldados estavam acabando, mas ninguém reclamava de nada. Tinha soldado que estava achando aquilo uma beleza, que não iria nunca mais se repetir tão cedo. Simplício Dias da Silva começou a ficar impaciente e desmotivado. Olhava aquele mundo de água salgada e não via um sinal de nada. Já começava a criar uma espuma nos cantos da boca, quando chamou todo mundo e mandou que debandassem. Napoleão deve ter desistido com medo. Só podia ser!





Este livro foi composto no tipo
Liberation Serif Regular, corpo 13/17,2
e Liberation Serif Regular, corpo 20/20
no bureau gráfico **IrãodeCriação**
paulo33moura@gmail.com

Simplício Dias sempre foi e vai ser ainda por muito tempo a figura mais interessante e estudada da história de Parnaíba. Dele ainda muito vai se falar e questionar, principalmente agora com o interesse dos estudiosos da história do Piauí, com métodos muito mais precisos do que os historiadores leigos.

Seus feitos como comandante militar e homem de negócios deram a base para a manutenção e fidelidade aos ideais de liberdade do Brasil, essa única colônia portuguesa na América do Sul no início do século XIX.

Neste livro a vida política de Simplício Dias da Silva é o menos importante. Não que ele não mereça. Merece e muito. Mas é que outros autores, historiadores de formação ou até mesmo leigos já o fizeram com grande alcance. Seria apenas mais um livro a tratar sobre a engenharia política e econômica dessa parte do Brasil, distante e muito distante da Corte.

Aqui, neste livro, está tanto quanto possível a reconstituição do cenário de uma Parnaíba no início do século XIX, estendida para a imensa e desabitada Ilha Grande de Santa Isabel, a vila com seu porto, seus homens ricos, os nobres de tamancos e de chambre convivendo com os negros escravos, os índios, as igrejas, comerciantes da terra e os estrangeiros, os funcionários da Coroa, a ponta comercial do Piauí, a relação com o Maranhão, elementos formadores desta terra entre o rio e o mar.



PATROCÍNIO

Am
AMOSTRAGEM
OPINIÃO E MERCADO
INSTITUTO PIAUIENSE DE OPINIÃO PÚBLICA

